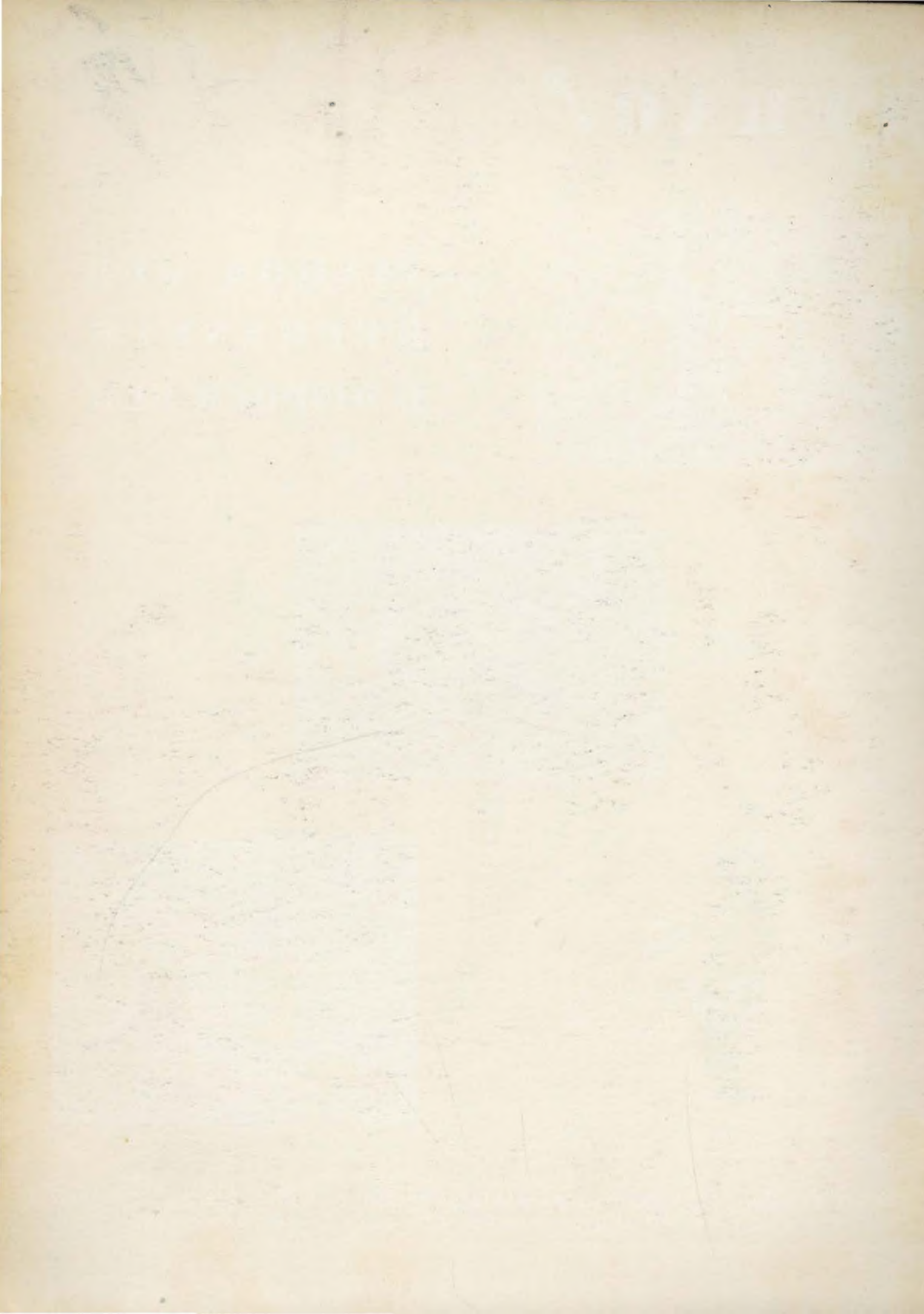
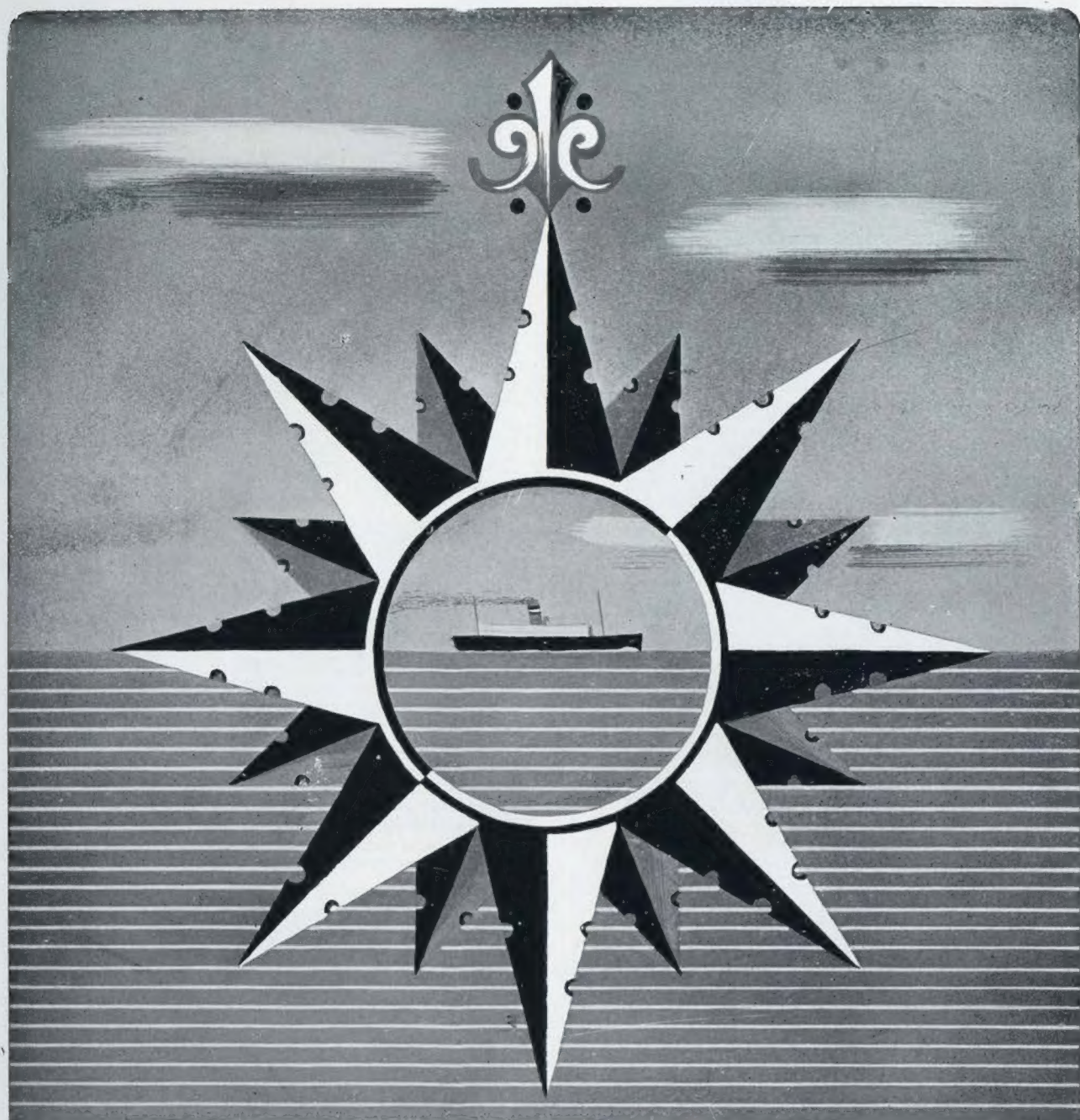
PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

NÚMERO 35 ★ ANO V ★ 1948

VERÃO!

VINHOS QUE REFRESCAM E DISPÕEM BEM

SEDE EM GAIA: TELEFONE 3478 — FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117 TELEFONE 22556 — DEPÓSITO NO PORTO: RUA ENTREPAREDES - TELEFONE 440

Aqui se aconselha...

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

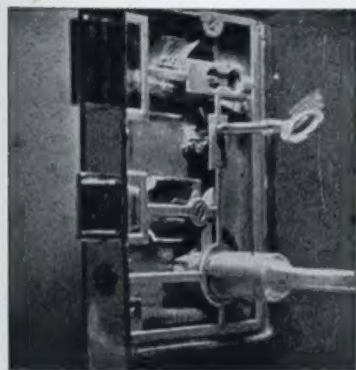
ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutìvelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

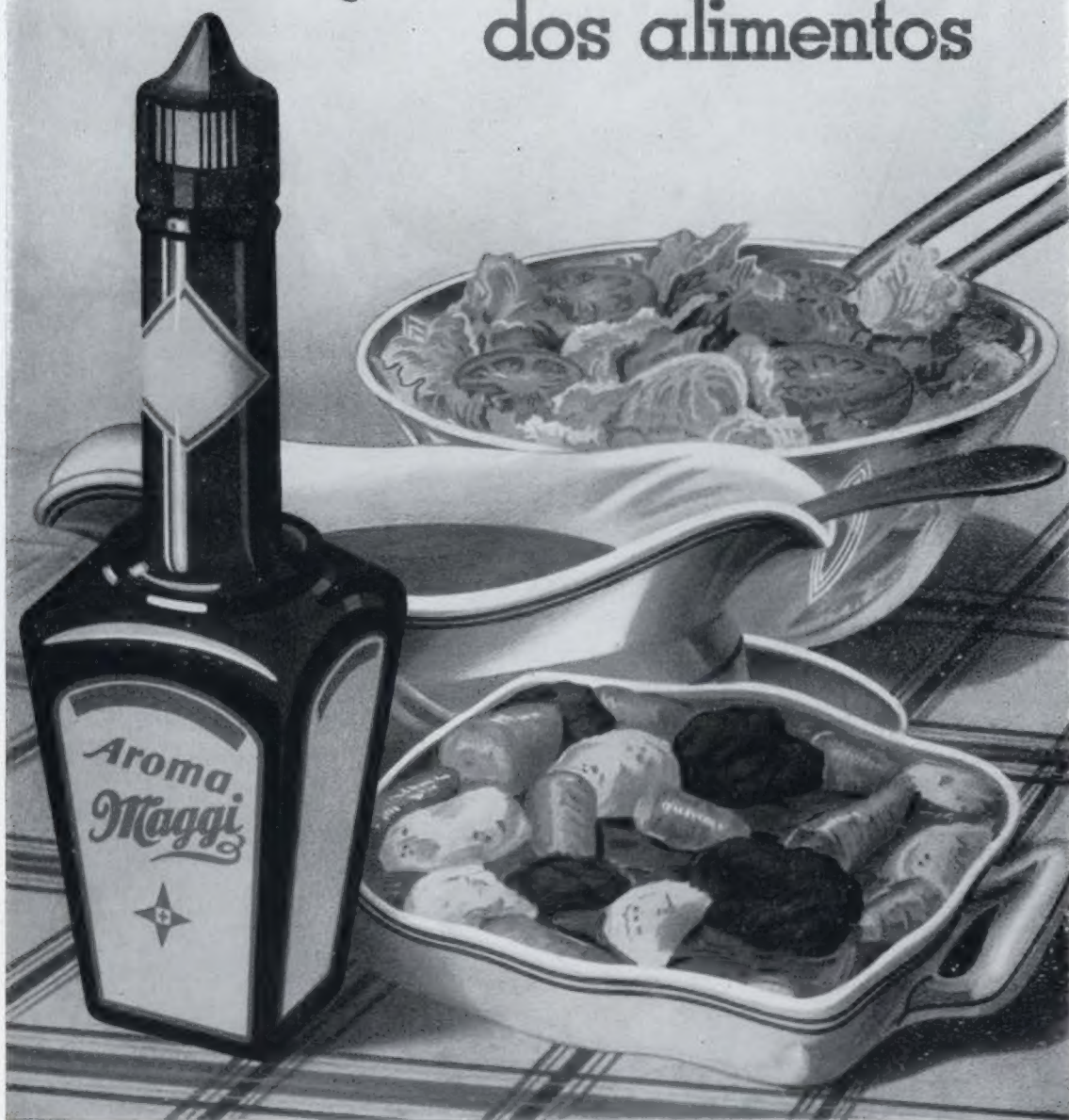
que leia, veja e compre

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

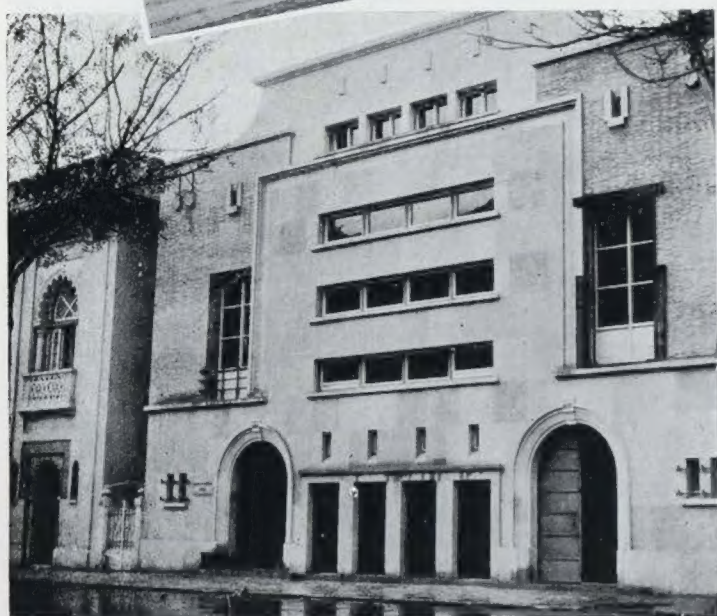
HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

O AROMA MAGGI

realça o sabor natural dos alimentos

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES:

SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS **NESTLÉ**

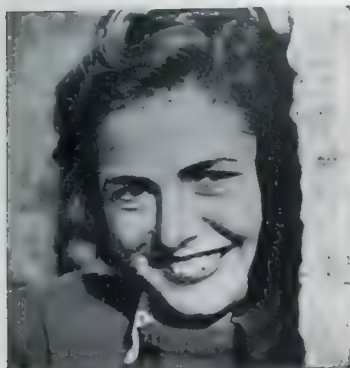
RUA SOCIEDADE FARMACEUTICA, 39-41 · LISBOA TELEFONE 5 3154

Aqui se aconselha...

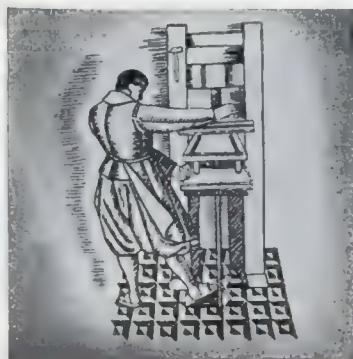
MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

OUVIR perfeitamente ao teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa — Telefone 73331.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

que leia, veja e compre

INSTANTA — é a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57 em Lisboa. Nos seus excelentes e bem apetrechados laboratórios executam-se com a possível brevidade e o máximo cuidado e perfeição todos os trabalhos de fotografia — como: revelagens, cópias, ampliações, etc. — sob os cuidados técnicos de pessoal especializado.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

LIMITADA

TUDO PARA CINEMA E FOTOGRAFIA

OS MELHORES LABORATÓRIOS PARA AMADORES
REVELAÇÕES, AMPLIAÇÕES E FOTOCÓPIAS

RUA NOVA DO ALMADA, 84
LISBOA · TELEFONE 24670

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

CONCESSIONÁRIA DOS TRANSPORTES PÚBLICOS COLECTIVOS NA CIDADE DE LISBOA

SERVIÇO DE AUTO-CARROS

EQUIPAGEM — 72 VEÍCULOS. (AGUARDA-SE A ENTREGA DE MAIS 73 UNIDADES ENCOMENDADAS). CERCA DE 5 MILHÕES DE PASSAGEIROS TRANSPORTADOS DURANTE O ANO DE 1947, COM O MÁXIMO DE 28 VEÍCULOS

SERVIÇO DE CARROS ELÉCTRICOS

EQUIPAGEM — 465 VEÍCULOS. (OUTRAS UNIDADES EM CONSTRUÇÃO). CERCA DE 259 MILHÕES DE PASSAGEIROS TRANSPORTADOS DURANTE O ANO DE 1947.

EM PLENA EXECUÇÃO: UM VASTO PLANO PARA A EXPANSÃO E MELHORAMENTO DA SUA REDE DE TRANSPORTES

Nem mesmo dois cavalos selvagens podem separá-los

DURANTE muito tempo, os industriais encontraram-se perante um problema aparentemente insolúvel relativamente aos magnetes.

Para se conseguir um coeficiente suficientemente alto de atracção magnética, tinha de se empregar uma proporção tão elevada de metal que isso era muitas vezes impossível.

Veio depois a invenção do Ticonal, a liga magnética hoje tão famosa, criada pela Philips. É tão grande o poder de atracção do Magnete Ticonal, que ele pode suportar 3.500 vezes o próprio peso. E dois pequenos Magnetes Ticonal, pesando apenas duas libras, quando juntos, não se separam um do outro mesmo quando puxados em direcções opostas por dois cavalos possantes.

Hoje, muitas das maiores empresas industriais usam já os Magnetes Ticonal. No futuro, os engenheiros e cientistas da Philips desenvolverão ainda mais a sua incessante investigação dentro das aplicações industriais do magnetismo. Os Laboratórios de Investigações Philips trabalham constantemente pelo aperfeiçoamento das técnicas industriais.

AJUDA A CONSTRUIR O MUNDO DE AMANHÃ

ELECTRÓNICA • LÂMPADAS • RECEPTORES DE RÁDIO • VÁLVULAS DE RÁDIO • APARELHOS DE MEDIDA • APARELHOS DE RAIOS X • GERADORES DE ALTA FREQUÊNCIA • EMISSORES • POSTOS DE SOLDADURA LÂMPADAS FLUORESCENTES • AMPLIFICADORES • EQUIPAMENTOS DE CINEMA • TELEVISÃO

F R A N C E

PARIS

La grand saison commence...

CONSULTE OS SERVIÇOS DO COMISSARIADO GERAL DO TURISMO FRANCÊS

234, RUA AUREA, 242 ★ LISBOA ★ TELEF. P. P. C. 25368-25369 ★ TELEG. COMIGETOURISME

CALDAS DA RAINHA

PARQUE RAINHA D. LEONOR

Entre os numerosos atractivos turísticos das Caldas da Rainha, conta-se o seu magnífico PARQUE, repleto de frondosa arborização, com excelentes locais para um salutar repouso ao ar-livre, diversões, desportos de verão, casas de chá, etc.

SINTRA

FÓSFOROS MIUDOS - FÓSFOROS MIUDOS - FÓSFOROS MIUDOS - FÓSFOROS MIUDOS
MIUDOS
FÓSFOROS DA
FOSFOREIRA PORTUGUESA

BASTA LIGAR!

ESTÁ SEMPRE ÀS ORDENS...

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º-TEL. 2 9311-LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 35 ★ ANO de 1948 ★ VOLUME 6.º

CAPA DE PAULO FERREIRA (PINTURA MURAL NO MUSEU DE ARTE POPULAR). — EXTRA-TEXTOS A CORES: PORMENORES DE DUAS PINTURAS MURAIS, DE CARLOS BOTELHO E DE MANUEL LAPA E TOMÁS DE MELLO, NO MUSEU DE ARTE POPULAR. — DESENHOS DE: OFÉLIA MARQUES, BERNARDINO COELHO E JOSÉ JORGE AFONSO NOGUEIRA — FOTOGRAFIAS DE: CASTELO BRANCO, HORÁCIO NOVAES E MÁRIO NOVAES.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa: Litografia de Portugal — Fotolitografias: Litografia de Portugal, Fotogravura Nacional e Litografia Amorim — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

BALADA DO JARDIM DIFERENTE

Os gritos dos pavões e a noite.
Sem uns e sem a outra, o jardim não teria voltado ao mistério da infância e da adolescência.
As vozes roucas dos pavões, com qualquer coisa de longínquo e de arrepiante, remeteram-no ao passado — jardim que a distância colocara, na memória em serena majestade impossível.
Altos portões, árvores densas e em cada álea e recolhimento sagrado, a paz estática que vem do tempo.
Líricos recantos com verdes sentinelas vegetais, para meditar e repousar. Altivez airosa de cisnes, abandono grácil de uma acácia sobre um lago.
Para dirigir-se ao liceu, a mocinha que eu fui descia a rua da Estrela a que os ciprestes dos Inglesinhos davam uma nota grave, e cruzava o portão que há muitos anos lhe fechou um ciclo de vida.
Existia agora, ou não? Não importava.
Andei muitos e longos caminhos e nunca senti a tentação de retroceder. Que os mortos sejam bem mortos; deixemo-los dormir em paz.
Eu era hoje e amanhã, e o que ficava para trás ligava-se a confusos sentimentos de dor. Não derramava luz no presente. Nunca quis ressuscitá-lo.
Deslumbrada, abri o peito e dei o coração à Vida, sempre nova, sempre uma, sempre diferente. A miragem do desconhecido atraía-me demasiado para, sequer, ter tempo de volver os olhos pela estrada já percorrida.
O jardim seguira connosco. Modificara-se tal como os outros. Expulsara a melancolia e encantado, estendia seus braços de mocidade e frescura a quem passava.
Só à sensibilidade dos privilegiados as mais antigas árvores ousavam ainda contar, no vento, histórias de muitas gerações que conheceram.
Onde outrora suspiravam pares na atmosfera tímida e repousante, ou velhos meditavam saudosamente e tudo exalava romântico abandono

(estudantes de capas negras, que música de serenatas, ao luar, pelas ruas sossegadas do bairro pacato!) abriu-se uma claridade nova. O clarão de uma aurora afogou a paisagem. Firmeza, vontade, acção, marulho débil de ondas, sempre renovadas, que o mar levara a outras praias.

Jardim soalhento de hoje, com crianças que crescem, que brincam, que aprendem a amar a vida diferentemente, que não serão, com certeza, a criança ensimesmada que eu fui. Se acaso agora atravessava o jardim (jamais pelo portão de dantes) olhava para aqueles pequenos com uma felicidade muito íntima, como se todos fossem meus filhos, nos quais eu me revisse.

Aceitei o jardim como ele é hoje, sem estabelecer ponte de ligação com o passado, sem sentimentalismo doentio.

Entendi o cântico de amor das acácias a recor-

tarem no azul puríssimo os seus cachos lilás; o grito de paixão da romanzeira brava, de veias abertas para depor sobre a folhagem verde, gotas do seu sangue vermelho brutal; o abandono cálido das pimenteiras; a serenidade das palmas e dos salgueiros.

Escutei e fundi comigo mesma o enternecimento de quanto existe, a dar-se simplesmente à Grande Mãe Natureza, a se transformar contìnuamente a caminho do eterno.

A noite e os gritos guturais dos pavões enquanto me aproximava do local onde existira o meu portão, *foi que mudaram tudo.*

Em cada passo andado era um retroceder de anos, um despertar de lembranças que quase me paralizava de emoção.

É de noite, só de noite, que o invisível se nos revela. As gargalhadas, os risos, os fantasmas, em suma, revivem nas velhas mansões abandonadas.

Quem quiser encontrá-los, dar--lhes as mãos, deambule na treva. As próprias pedras revestem--se de poder anímico.

Como nas histórias fantásticas, o Génio do Jardim que o dia espulsa dos seus domínios e se esconde numa habitação suspensa, de ramagens, eis que volta com mãos de gigante a tomar posse dele.

O jardim volve à sua feição antiga de serenidade intraduzível, de lendário significado, a que convém para moldura de imaginárias personagens.

Cinderella, Nies Holgerson, Scrooge *o pequeno* Scrooge *que convivia com Robinson Creusöe e Ali-Babá,* Patinho Feio *já não são seres de ficção. Existiram e renascem contìnuamente.*

Encosto-me ao gradeamento e os meus olhos dilatam-se no escuro em procura daquele último Patinho Feio *de rosto pálido e olhos fundos, que queria beber a vida toda, mesmo que fosse em dor.*

Tem dez anos apenas, e lá vai...

DESENHOS DE OFÉLIA MARQUES

Sente-se pequeno, esmagado, dentro do grande jardim. Oh, e as árvores são tamanhas! No inverno uivam assustadoramente como demónios, agitam-se, contorcem-se, perseguem-no. O frio e a chuva traspassam-no.

«Patinho Feio» não sabe nada, nada compreende do desconhecido que em cada dia vem, e ele só, sem auxílio alheio, tem que desvendar. Nem ninguém o compreende.

Que é feito da vereda que circundava o lago, à direita, junto do gradeamento, e desembocava frente a um canteiro que os junquilhos vestiam de branco nas manhãs brumosas e tristes de Fevereiro? (O seu perfume doce anda no ar...)

Manhãs tristes? A palavra tristeza sugere uma ideia de cansaço, lembra a cor das violetas, não pode traduzir a comoção que nos sufoca, o sentir que a espectativa avoluma, quando uma árvore, um pássaro, uma estrela, revelam à nossa avidez a existência de um mundo de Tesouros inesgotáveis!

«Patinho Feio» gostava de junquilhos e de iludir a vigilância de algum guarda para, de coração a tremer, esconder uma flor pálida no abismo da pasta dos livros.

Que grande pecado tão bom!

À esquerda havia outro caminhozinho que conduzia à saída para a Álvares Cabral, onde outrora diziam ter havido um leão (um leão de carne e osso, calcule-se bem!). A solidão amiga, de hoje, já então atraía a criança que procurava os carreiros ermos para soltar a imaginação. O jardim era a ante-câmara do liceu e impossível se torna conceber um sem o outro.

Durante sete anos aquele trecho de jardim fez parte da minha vida.

Não houve pensamentos, ou revelação, que não se ligasse a ele.

O Génio continua màgicamente a iluminar, no escuro, quadros sobre quadros do passado, rumor de vozes, balbúrdia.

MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA

(Continua nas últimas páginas do presente número).

NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA, GUIMARÃES. — CLAUSTRO ROMÂNICO. SÉC. XIII.

PANORAMA tem procurado ser um repositório dos mais significativos valores plásticos do património cultural da Nação. «É pela Arte — escreveu Ramalho Ortigão — que o génio de cada raça se patenteia, que a autonomia nacional de cada povo se revela na sua autonomia mental, e se afirma, não só pela sua especial compreensão da Natureza, da Vida e do Universo, mas pelo trabalho colectivo da comunidade».

A vitalidade espiritual dos períodos culminantes da nossa evolução histórica materializou-se em monumentos artísticos de inexcedível beleza, que permanentemente se impõem à nossa contemplação e ao nosso assombro — como sejam os que melhor representam entre nós os estilos clássicos da cultura ocidental: o Românico, o Gótico e o Renascimento.

PORMENOR DO PÓRTICO PRINCIPAL DO MOSTEIRO DA BATALHA
OBRA-PRIMA NACIONAL DO ESTILO GÓTICO FLAMEJANTE

O PAINEL DOS PESCADORES DO GENIAL POLIPTICO DE NUNO GONÇALVES

A EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS

A FAMOSA LOCOMOTIVA D. LUIS, CONSTRUIDA EM 1862, CONSTITUI UM DOS GRANDES ATRACTIVOS DA EXPOSIÇÃO

Logo ao iniciarmos a subida das vastas escadarias que conduzem ao pavimento onde se encontram os pavilhões da Exposição de Obras Públicas, tem-se a sensação de caminhar para um ambiente totalmente diverso do que nos rodeia todos os dias, de *subir* até algo de grandioso, imprevisto e impressionante.

Só por si, o bloco de edificações que constituem o Instituto Superior Técnico é de molde a impor-se, pelo volume arquitectónico, a amplitude, a sóbria policromia e a harmónica proporção de linhas. Mas, além disso, como a Exposição foi construída para ser visitada de noite, tanto os corpos definitivos como os outros pavilhões anexos, construídos provisòriamente, se apresentam, após o pôr do sol, inundados de luz, de uma luz suave, sàbiamente distribuída, que não fatiga e é, pelo contrário, um prazer para os olhos, aninhando-se entre os tufos de verdura ou reflectindo-se na água das maquetas dos trabalhos de hidráulica, envolvendo em terno abraço a locomotiva D. Luís, construída em 1862, e as românticas «malas-postas» ou, ainda, esbatendo-se nos contornos dos belos modelos escultóricos distribuidos pelo recinto.

Não é necessário dar-se muitas centenas de passos para se verificar que os orientadores e realizadores deste empreendimento memorável — da iniciativa do actual Ministro da respectiva pasta, Sr. Eng.° José Frederico Ulrich — souberam cumprir com rigor a previsão feita pelo Arquitecto Jorge Segurado, alguns meses antes da inauguração oficial: — «Ao contrário do que muitos podem naturalmente pensar, esta Exposição, sendo o reflexo nítido de uma obra de técnicos da Arquitectura e da Engenharia, *não terá um ar exclusivamente técnico*. Não será maçuda nem erudita; será simples de dicção e de expressão; não terá charadas a resolver. E,

SINTESE GRAFICA DE ALGUMAS DAS NUMEROSAS REALIZAÇÕES DE UTILIDADE PÚBLICA EMPREENDIDAS PELO GOVERNO NOS ÚLTIMOS QUINZE ANOS

porque foi concebida para o grande público, toda a gente compreenderá o que nela se vai mostrar. Estamos, por tudo isto, convencidos de que constituirá uma surpresa geral, proporcionando à população uma oportunidade talvez única de apreciar em conjunto o que os técnicos conceberam e ergueram no nosso País, em prol do bem comum.»

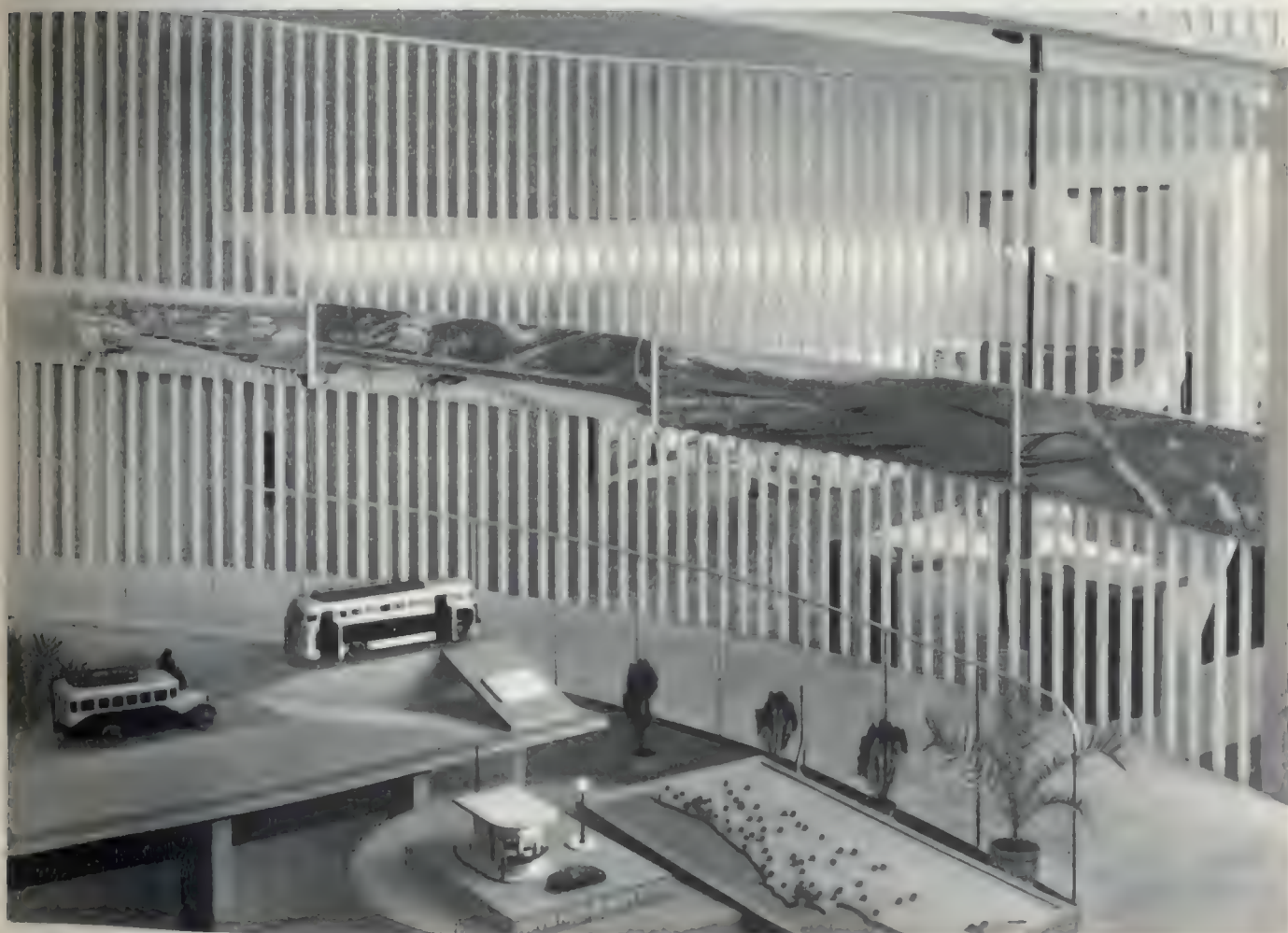
Na verdade, quem visita a Exposição ou permanece no seu *bar*, restaurante ou recinto de festas, tem sempre perante os olhos surpresos e o espírito deslumbrado a esquematização concreta da intensa e sempre progressiva actividade do Ministério das Obras Públicas, no período iniciado em 1932, e cuja síntese financeira se patenteia no edifício central da Exposição. Este oferece-nos também um átrio de honra, de acolhedora sobriedade, onde se encontram as estátuas do Chefe do Estado e do Senhor Presidente do Conselho e, além da maqueta da Exposição do Mundo Português, o projecto do gigantesco monumento ao falecido Eng.º Duarte Pacheco, o lúcido e infatigável impulsionador da actividade do ministério, cujas realizações deram matéria à presente Exposição. As suas extrordinárias qualidades — Visão, Tenacidade e Entusiasmo — simbolizadas por figuras escultóricas no referido monumento, podem ser tomadas como lema, como divisa deste departamento directivo do Estado. Após os «cumprimentos de boas vindas» da Comissão Executiva, apresentados por meio do Pavilhão de Honra, encontra-se, seguidamente, e com toda a lógica, o das COMUNICAÇÕES, destinado a relevar a incessante melhoria de serviços da *Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones*, com os seus mostruários de material radioeléctrico, telegráfico, telefónico automático e das instalações telefónicas

de alta frequência; os mapas luminosos, plantas dos edifícios dos C. T. T.; a maqueta da nova Central Telefónica de Lisboa, etc. É uma das secções da Exposição que mais prendem o público, pela *vida* do material exposto.

Seguem-se as sínteses plásticas da acção desenvolvida pela *Junta Autónoma das Estradas e Direcção Geral dos Serviços de Viação:* trabalhos muito curiosos, com um mapa em relevo do plano Rodoviário do País; as cartas turísticas distritais (todos gostamos de admirar o desenvolvimento da região onde nascemos); maquetas da auto-estrada, a ponte «Salazar», o viaduto «Duarte Pacheco»; dos postos de fiscalização e de diversos tipos de casas de cantoneiros; mostruários de estradas das Ilhas Adjacentes; variados painéis e gráficos relativos a estatísticas e, até, modelos de camionetas para transportes.

A *Direcção Geral dos Caminhos de Ferro* expõe fotografias de obras de supressão de passagens de nível, montagens de sinalização eléctrica nas estações, de pontes novas e de edifícios de novas estações; e gráficos referentes a trabalhos e verbas dispensadas, e de aquisição de material.

No espaço destinado à *Direcção Geral da Aeronáutica Civil* podem observar-se, dispostos em semi-círculo, modelos e maquetas de aeroportos, aeródromos, hangares, torres de comando, pistas, obras de conjunto e em construção — tendo sido dado, como é natural, maior destaque ao Aeroporto de Lisboa, que tão extraordinário movimento trouxe à capital.

CURIOSO PORMENOR DE UMA DAS SALAS DO PAVILHÃO DEDICADO ÀS IMPORTANTES OBRAS DE «COMUNICAÇÕES»

O PROGRESSO TURISTICO VERIFICADO NOS ÚLTIMOS ANOS PATENTEIA-SE NUMA SECÇÃO ESPECIAL — DO S. N. I.

É neste pavilhão das Comunicações que se encontra instalada a secção das *Obras Públicas no Turismo,* na qual se podem avaliar — além dos trabalhos, sob muitos aspectos gigantescos, de melhoramentos do Trânsito e do Tráfego, bem como da conservação e restauro de Monumentos Nacionais — os notáveis empreendimentos do Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular, tais como: a construção de Pousadas; a instalação de Postos Fronteiriços e de Agências Turísticas; a criação do Museu de Arte Popular, de Belém; os concursos das «Estações Floridas» e «Tintas e Flores», etc. Tudo isto se vê ali claramente sintetizado em maquetas, mapas, diagramas, fotomontagens, cartazes e estatísticas, tornando evidente o enorme incremento que o turismo português em tão poucos anos adquiriu.

Em edifício idêntico ao das Comunicações e, como ele, construído provisòriamente, exibe-se tudo o que se refere a HIDRÁULICA, subdividido em:

Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola, com painéis de beneficiações e gráficos dos elementos de produção referentes às regiões do Vale de Vilariça, Veiga de Chaves, Mondego, Cantanhede ao Vouga, Vale de Campilhas, S. Domingos, Portimão, Lagoa, Paúl de Magos, Paúl de Cela, Loures, Burgães, Alvega, Vale do Sado, Vale do Sorraia, Campinas de Silves e Idanha, acompanhados de dezenas de fotografias e gráficos hidrográficos de cheias, de regimes de rios, de curvas de intensidade de chuvas, de trabalhos fotográficos, obras e estudos da Junta;

Administração Geral do Porto de Lisboa, informando, por meio de gráficos, o seu movimento marítimo, trabalho de guindastes, as suas possibilidades financeiras, produtividade da exploração, aplicações orçamentais e respectivo desenvolvimento;

Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, que se caracteriza pela profusão de maquetas, a saber:

OUTRO ASPECTO DA SECÇÃO «OBRAS PÚBLICAS NO TURISMO», INTEGRADA NO PAVILHÃO DAS «COMUNICAÇÕES»

de portos, como de Viana do Castelo, Leixões, Porto e Barra de Aveiro, Peniche, Sesimbra, Setúbal, Portimão, Vila Real de Santo António, Faro-Olhão, Ponta Delgada, Funchal; maquetas de praias, como as de Moledo do Minho, Granja, Figueira da Foz, Carcavelos, S. Pedro do Estoril e Cascais. Temos, ainda, variados planos gerais de obras nos rios Lis, Lima, Cávado, Douro, Tejo, Alenquer e Guadiana. Muitos esquemas de valorizações hidráulicas, aproveitamentos hidroagrícolas, de navegação e defesa contra as cheias;
Comissão de Obras da Base Naval de Lisboa, com uma expressiva pintura mural de Jorge Barradas, alegórica à História Trágico-Marítima. Dedica-se esta secção à Estação Naval do Alfeite — com maquetas do edifício, das casernas, das piscinas coberta e descoberta, do refeitório das praças, casas dos sargentos, corpo dos abastecimentos e do Arsenal — e ao Centro de Aviação Naval do Montijo, com maquetas dos respectivos refeitórios, casernas, casa dos oficiais, habitações, edifício do comando e da planta parcial do Centro.
Anexos a este Pavilhão de Hidráulica, vêem-se ainda uma secção de aproveitamentos hidroeléctricos, com maquetas das obras de Pracana, Belver, Santa Luzia, Rabagão, Lindoso, Zêzere, Castelo de Bode e, ao ar livre, quatro modelos reduzidos representando as barragens «Salazar» e «Presidente Carmona», a rega de Veiga de Chaves e um trecho da albufeira do Vale de Gaio.
A parte referente a URBANIZAÇÃO é, sem dúvida, uma das mais imponentes, qualquer que seja o prisma por que a apreciemos. É grande no aproveitamento de que o público beneficia, grande na significante realidade do conjunto, e grande, até, dentro do recinto da Exposição, pois que teve de ser desdobrada em dois pavilhões, um pròpriamente de Urbanização, outro que se destina a Edifícios e Monumentos.

ANTONIETA MOURA

(Continua nas páginas finais do presente número)

AS GRANDIOSAS OBRAS DE HIDRÁULICA E DE PORTOS, BEM COMO AS DE URBANIZAÇÃO, ENCONTRAM-SE PROFUSAMENTE DOCUMENTADAS NOS RESPECTIVOS PAVILHÕES

UMA INTERESSANTE PINTURA MURAL DE JORGE BARRADAS NA SECÇÃO DEDICADA
ÀS OBRAS DA BASE NAVAL DE LISBOA

«ENGENHARIA»
COMPOSIÇÃO ALEGÓRICA DE BARATA FEYO

OS ESCULTORES PORTUGUESES
NA
EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS

ALIAR a técnica à estética, o prático ao artístico, o cómodo ao gracioso tem sido, nos últimos tempos, preocupação dominante de quem superintende nas realizações nacionais de utilidade pública. A Comissão Executiva da Exposição, integrada neste louvável princípio, solicitou a colaboração dos nossos mais categorizados escultores, encomendando-lhes trabalhos de vulto e fazendo distribuir pelo vasto recinto modelos em tamanho natural de estátuas destinadas a vários jardins e praças do País. São algumas dessas obras, indiscutìvelmente admiráveis, que nestas páginas reproduzimos.

FRANCISCO FRANCO — O MAIOR ESCULTOR PORTUGUES DO NOSSO TEMPO — ESTEVE REPRESENTADO NA EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS COM MAGNIFICOS TRABALHOS, COMO AS NOBRES E SERENAS INTERPRETAÇÕES DE D. JOÃO III E D. DINIS

O ESCULTOR CANTO DA MAIA — OUTRO ARTISTA NACIONAL CUJO MÉRITO DE HÁ MUITO ULTRAPASSOU A NOSSA FRONTEIRA — EVIDENCIOU MAIS UMA VEZ OS SEUS ADMIRÁVEIS RECURSOS NA BELA FIGURAÇÃO DESTES OBREIROS DOS DESCOBRIMENTOS

UM HOMEM DE ACÇÃO E UM POETA — AFINAL, DOIS «DESCOBRIDORES» — QUE TANTO CONTRIBUIRAM PARA O ENGRANDECIMENTO DA PÁTRIA, TIVERAM, RESPECTIVAMENTE, EM ÁLVARO DE BRÉE E BARATA FEYO, DOIS COMPREENSIVOS E TALENTOSOS INTÉRPRETES

UMA NOTÁVEL FIGURAÇÃO DE LEOPOLDO DE ALMEIDA E UMA EXCELENTE ALEGORIA DE ANTÓNIO DUARTE — DOIS ARTISTAS CUJA SENSIBILIDADE E APTIDÕES SE TEM GRADUALMENTE AFIRMADO EM OBRAS ESCULTÓRICAS DE BOA CLASSE

O NOVO MUSEU DE

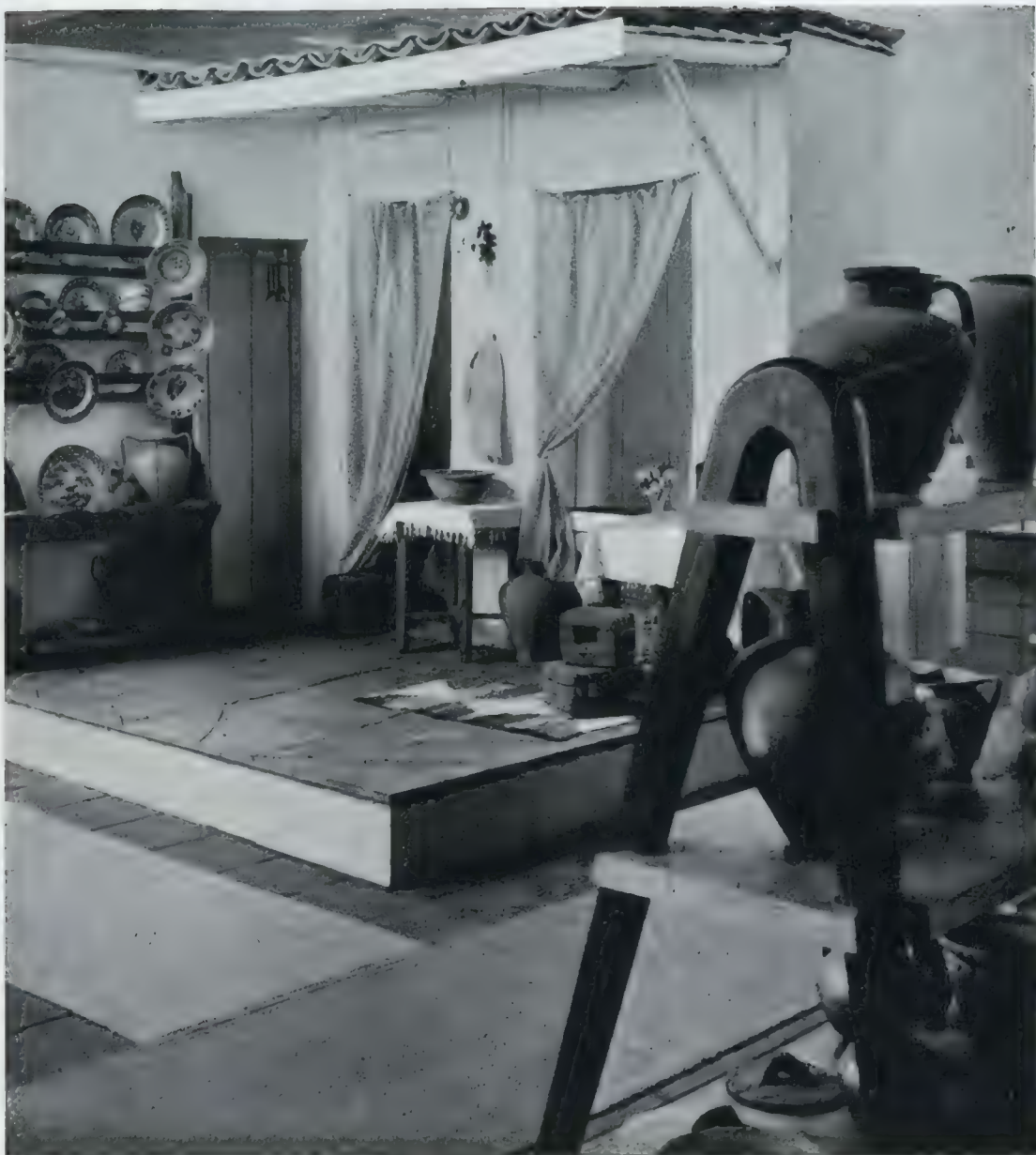
ARTE POPULAR

EM BELÉM

A Sala das Beiras. — Decoração mural de Carlos Botelho

O Museu de Arte Popular é um Museu da Arte do Povo. E, porque este é o povo português, o Museu de Arte Popular expõe o panorama da Arte Popular Portuguesa. Este facto era, já por si, um mérito inapreciável para esse Museu.

Sem dúvida, há critérios variáveis para organizar uma exposição deste género, e, assim mesmo, de carácter permanente. Pode aceitar-se ou não, preferir outro em vez deste, mas, com as condições e objectivos que este de agora tem, dificilmente poderia substituir-se. Para dar forma a um Museu, com as características do de Arte Popular, é necessário percorrer sucessivos escalões. De facto, os organizadores tiveram tal prática de valores: exposições na Suíça, na América, em França, na Espanha, e exposições em Portugal: o volume atingido na experiência da Exposição do Mundo Português, nas Comemorações Centenárias de 1940, facultou-lhes a verdadeira e definitiva lição.

Bem sei que, apesar de tudo, a zona etnográfica da Exposição esteve longe de ser o que devia e as exigências reclamavam; não obstante, como foi

Esquema de habitação rústica da Beira Baixa (Monsanto)

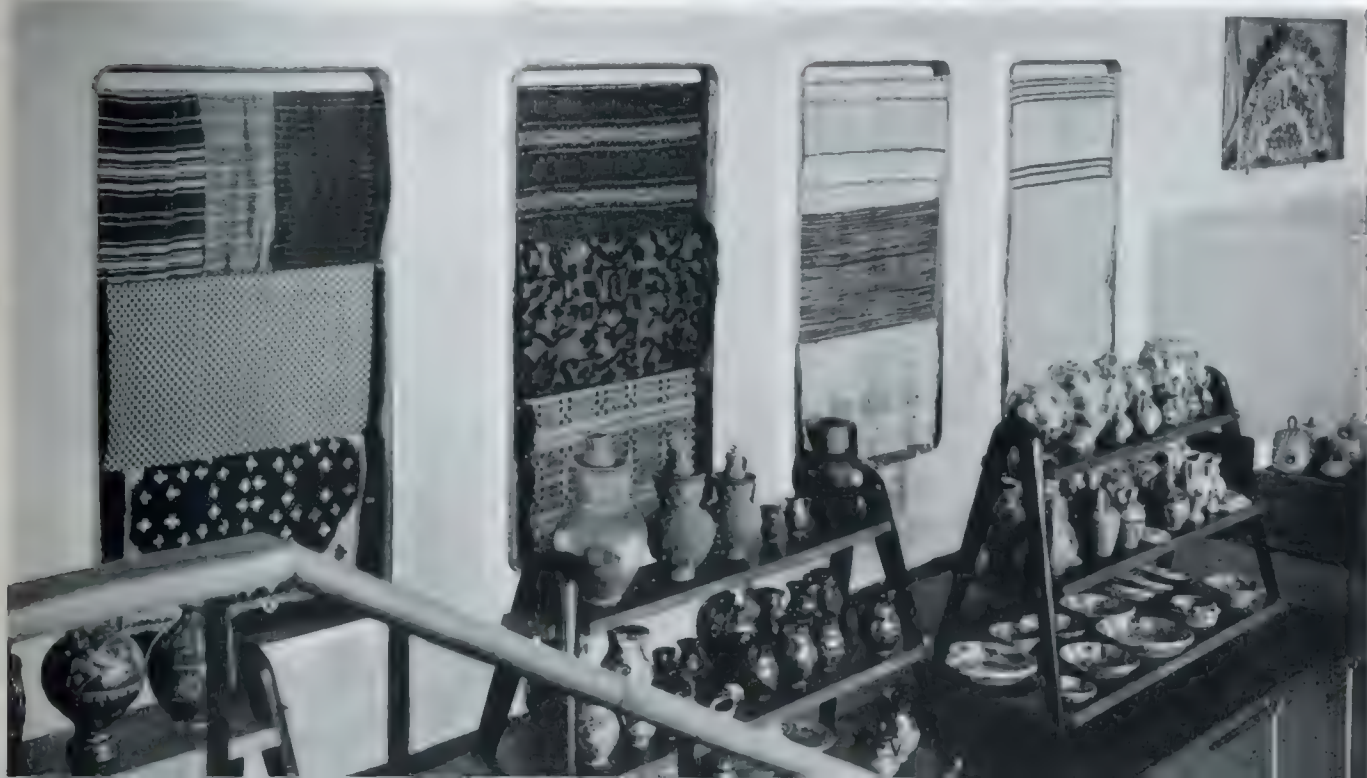
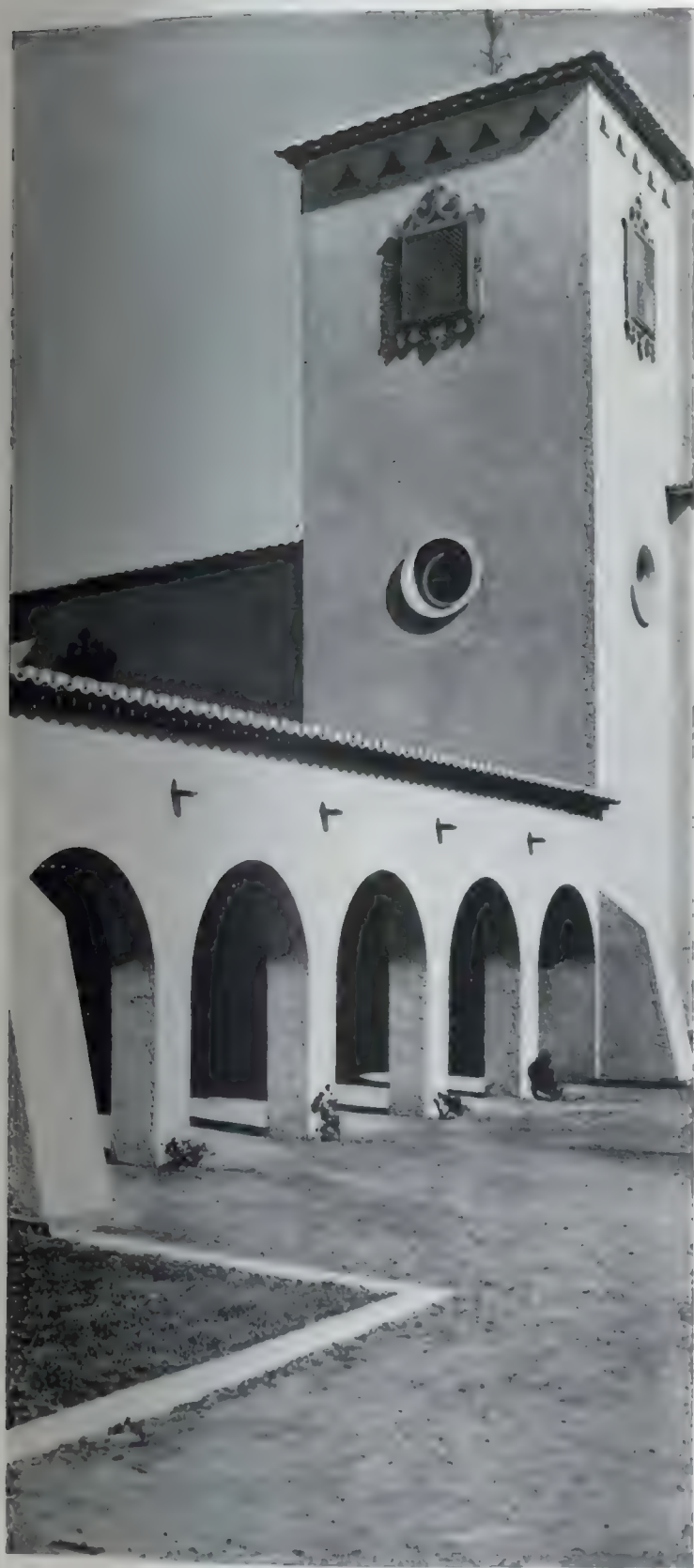
organizada e com a visão objectiva dos organizadores, os mesmos de agora, garantiu a lição formadora do actual Museu. Posta de parte a circunstancialidade provisória da Exposição de 1940, o Museu corrigiu o transitório pelo bom aproveitamento das condições de permanência. Devem ser lembradas ou expostas tais determinantes. para se não cair em erro de visão crítica, e melhor se compreender a razão do Museu e a escolha do critério de orientação.

Goste-se ou não do Museu, como tal, acusem-no de não ser mais do que exposição sensacional com permanência de apresentação e continuidade

Decoração mural da sala de Entre Douro e Minho, por Tomás de Mello (Tom) e Manuel Lapa

de sentido próprio. Eu – confesso-o – não o formaria assim, mas aceito-o tal qual como está, e que assim seja, como aplaudo que o tivessem constituído na forma por que o constituíram. Era necessário? Era. Presta os serviços que pretenderam tirar dele? Sem dúvida. Isto quer dizer que atinge plenamente a expectativa. E já não é pouco. O meu critério seria outro, desde que fosse outro o fim a atingir: integrado na determinação seguida, não faria de outra maneira, salvos pequenos pormenores, que não desmancham a obra feita nem o objectivo em atenção.
Perguntassem-me se é um Museu Etnográfico, diria imediatamente que sim. Devo, porém, antes de continuar este depoimento, fazer as afirmações seguintes: – hoje cresce a tendência de submeter o etnográfico ao folclórico, ou melhor, a parte material da Etnografia (a que Leite de Vasconcelos chamou Ergografia) ao Folclore (expressão espiritual), como parte dirigente e formadora, depois de por muito tempo este fazer parte da primeira como de um todo a que pertencia, e posteriormente se considerarem as duas – como ainda é corrente – ramos solidários, mas separados, da mesma Ciência do Povo; separava-os, aparentemente embora, a diferença de assunto e de sistemática. Justifica-se a tendência actual, quando notarmos que a parte material, a «Arte Popular», decorada ou não, arte em expressão, anda sempre determinada por um princípio espiritual de guia, interpretação e mantença, que é afinal o campo do Folclore. Este termo é desvirtuado por muitos e inaceite por tantos, mas temos de o aceitar pràticamente, por internacional e por facilidade de compreensão. Adiante, porém, que não há espaço bastante para devaneio ou desvio do assunto. Assim o Museu é etnográfico, pela representação da obra feita,

e é folclórico pela prova do espírito que lhe deu sentido, forma, variedade e cor. Científico? Não, porque não o quiseram fazer desta feição. Falta-lhe a sistematização científica, porque lha não quiseram dar; visto que a sistematização necessária ao critério adoptado, e simplesmente o da sugestão estética, não deveria passar das regras mais simples e rudimentares: as da arrumação pelas regiões corográficas, e nestas as da aproximação de espécies afins. Dentro destas normas o èxito foi feliz. A maior dificuldade com que lutaram os organizadores, sente-se bem, foi a da falta de espaço. Assim, vejamos: pondo de lado

Aspecto da entrada da sala de Entre Douro e Minho, e um ângulo da mesma sala, focado da escadaria.

Esquema de habitação rústica alentejana, da Sala da Estremadura e Alentejo, em que se reproduz o carácter regional arquitectónico e decorativo

Pormenor arquitectónico do Museu de Arte Popular

ALGUMAS LEGENDAS DAS SALAS DO MUSEU DE ARTE POPULAR

ENTRE DOURO E MINHO: CAIXA DE BRINQUEDOS DE PORTUGAL

TRAS-OS-MONTES: CRUZEIRO DE PORTUGAL. GRANITO E CÉU

BEIRAS: FLANCOS DE PORTUGAL. A MONTANHA E O MAR NA MESMA CINTURA

ESTREMADURA E ALENTEJO: PLANÍCIE QUE SONHA E QUE TRABALHA

ALGARVE: COLORIDO RODAPÉ NUMA TERRA DE LENDAS

NO MUSEU DE ARTE POPULAR COLABORARAM ALGUNS DOS NOSSOS MELHORES ARTISTAS

Trajos e costumes alentejanos interpretados por Estrela Faria

PINTURA MURAL DE MANUEL LAPA E TOMAZ DE MELO NO MUSEU DE ARTE POPULAR

Decorações murais com motivos estremenhos, de Paulo Ferreira

a secção das «Aldeias Portuguesas», da Exposição de 1940, que seria hoje, bem aproveitadas as construções, o melhor complemento do Museu, o sector do «Centro Regional», em que o Museu foi integrado, tinha mais dois grandes pavilhões e uma gentilíssima torre de marfim com sugestões da ourivesaria popular. Privado dos dois pavilhões, quando o material

etnográfico de exposição é ainda hoje volumoso em quantidade e qualidade no nosso País, apesar do que se deixou perder, o Museu bastar-se-à por agora como está formado, mas em breve sentirá a necessidade premente de mais espaço, para que tenha de corresponder à sua finalidade – ou então estaciona, e um Museu não pode parar, porque não é múmia, mas corpo sempre vivo.
Adoptada *grosso modo* a divisão tradicional do território português, e acondicionadas as Províncias continentais em seis salas de diferentíssimas dimensões e alguns recantos aproveitados, conjunto em que terão de ficar também as demonstrações das Ilhas Adjacentes, é fácil abranger em paisagem global de cada Província o panorama folclórico, expresso em aspectos variados da Arte Rústica. Se fosse possível, por exemplo, nas salas da Beira e do Alentejo, e mesmo na da Estremadura, separar as grandes sub-regiões, embora mais ou menos coincidentes com a divisão administrativa actual, e até outras de méritos etnográficos equivalentes, não se perderia o valor do conjunto e ganhava-se na organização das partes como na sugestão das diferenciações, muitas vezes variantes de grande cânone, com riqueza e aparato. O primeiro obstáculo a esse desiderato foi a falta de espaço. Sem dúvida, o panorama de cada zona é rico e não perdeu efeitos de apresentação, o que faz outro valor meritório ao Museu.
O recurso ao critério panorâmico pela unidade geográfica adoptada serviu dois objectivos primordiais: o *quantum* etnográfico e o *satis* turístico. Aceito plenamente que o Secretariado Nacional da Informação, por lhe caberem também funções de turismo e de propaganda das belezas e riquezas regionais da terra e da gente, nos tenha apresentado este plano de expressão colorida, pitoresca, e deliciosamente organizada. Foi lógico e foi coerente consigo.

O tradicional trajo de noiva minhoto (Santa Maria de Portuzelo — Viana do Costelo)

Elucidativos aspectos das Salas do Algarve e de Entre Douro e Minho

Algumas das valiosas e interessantes peças expostas na sala da Estremadura e Alentejo

Para os estudiosos desta especialidade no saber, como acontece comigo, há no Museu muitos elementos de estudo e de informação, que — esperemos todos — serão acrescidos pelas instalações definitivas, já projectadas, de biblioteca especializada, de arquivo iconográfico e de discoteca folclórica, bem seleccionada.

Para turistas, está ali a principal guia de sugestões, ampliada pelas pinturas parietais, quase sempre felizes. Para nacionais e estranhos, que se limitem ao espectáculo museográfico da «Arte Popular» com todos os atractivos oferecidos, também o Museu serve à maravilha o seu destino oficial.

Não repare ninguém que eu diga que o Museu de Arte Popular é o melhor cartaz de Portugal na vivacidade espontânea e sugestivamente característica da sua gente. Dou às palavras o sentido próprio, sem atender a desvirtuamentos de aplicação de momento, equivalente a caricaturas deformantes ou anedotas caricaturais. Quando se pretende, em qualquer País, atrair estranhos e nacionais a festas típicas, costumes nacionais ou regionais de boa estirpe e cuidada organização, distribuem-se folhas, desenhos, estampas e cartazes elucidativos e capazes de sugestionar amadores, curiosos e sabedores. Esses valores iconográficos pretendem prender

Os singulares e pitorescos trajos de «Pauliteiros» e Mirandeses, que se podem admirar na Sala de Trás-os-Montes do Museu de Arte Popular, em Belém

atenções e reclamar visitantes. Que mais e melhor não é que esse cartaz vivo, sem limites de pintura e de tipografia, se defina em forma de Museu?
O cartaz de papel rasga-se ou descora, e o vento leva os pedaços arrancados às paredes. O Museu fica. É, como corpo vivo, um organismo que nasceu e se desenvolve ininterruptamente para cumprir a tarefa que lhe pertence e lhe foi dada ao criarem-no.
Era necessário este Museu: – para que num arraial de preciosidades de intenção, forma e côr, sentíssemos o momento presente da alma de um povo: para que percebessemos a ligação das coisas, o nexo que, na sua variedade e diferenciações visíveis, as relaciona com o mesmo espírito condutor e criador, coisas que significam pensamento, sentimento e acção do nosso povo, ligação em nivelamento de superfície e de tempo no espírito; para que compreendessemos a necessidade, visto e apreendido o significado deste Museu, de ter o Grande Museu Nacional, que, solidário com ele, nos mostre em profundidade e volume de desenvolvimento o caminho das coisas etnográficas de hoje, através dos tempos, desde a Etnografia

As decorações murais do átrio do Museu foram pintadas por Tom e Manuel Lapa

O claustro exterior do Museu de Arte Popular e um aspecto da Sala da Estremadura e Alentejo

antiga à Etnografia moderna: para que a lição dos dois Museus fosse completada na solidariedade dos mútuos ensinamentos.
Os desenvolvimentos das formas e das expressões, umas vezes mais demorados, outras rápidos, desde os tempos prè-romanos até ao condicionamento das de hoje, mostrá-los-á o Museu Etnológico, o Museu da Raça portuguesa (permita-se-me o termo, pelo que neste momento vale a ideia): para essa função tem ele material antigo e material moderno, que balizam os caminhos seguidos.
O Museu de Arte Popular será a florescência rica do grande tronco, animado pelas seivas das terras e dos homens. O que, porém, por isso mesmo, não pode ter o Museu Etnológico, isto é, a exposição garrida e visualmente atractiva, com panorama em superfície, tem-no o Museu de Arte Popular. Para dilatar a sua acção e desenvolver os estudos da especialidade, apenas se reclama, agora, a publicação de uma Revista, correspondente ao colorido e à vivacidade simpática e estimulante das salas do Museu.

Agosto de 1948

LUÍS CHAVES

FOTOS DE CASTELO BRANCO

PINTURAS MURAIS DE CARLOS BOTELHO NO MUSEU DE ARTE POPULAR

12.ª EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA DO S. N. I.

A nossa época não é das mais propícias para o cultivo das artes. Não passa despercebida a ninguém a exiguidade de estímulo-ambiente, tão necessário para que o artista — se é, deveras, artista — sinta leve nos ombros do espírito o peso da vocação. A luta, assim, é árdua, algumas vezes heróica, e quase sempre inglória. Mas, talvez, por isso mesmo, mais bela. É, no entanto, aos Governos conscientes da importância primordial dos valores espirituais que compete suprir, na medida do possível, essa carência de estímulo.

Houve quem dissesse que a arte é a única flor da vida, e não ficou longe, decerto, de ter explicitado uma verdade eterna. Como é consolador verificar que nunca deixa de haver quem a cultive, através de tudo, com talento e coragem, com ternura e tenacidade, apaixonadamente!

ÓLEO DE CELESTINO ALVES: — PRÉMIO «SOUSA CARDOSO»

OLEO DE EDUARDO VIANA: — PRÉMIO «COLUMBANO»

Este ano, na 12.ª Exposição de Arte Moderna do Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular, realizada no Salão do Palácio Foz, lá estiveram algumas dezenas de artistas a provar, mais uma vez, que pertencem a esse número; lá estiveram a marcar, em numerosos trabalhos apreciáveis — revelando ou confirmando vocações autênticas, dons excepcionais, apti-

ESCULTURA DE J. MARTINS CORREIA: — PRÉMIO «MESTRE MANUEL PEREIRA»

dões evidentes — a sua necessária, a sua imprescindível presença na vida da colectividade. E o júri reuniu-se para premiar os que julgou melhores, de harmonia com a índole regulamentar deste meritório concurso anual instituído pelo Secretariado, atribuindo os prémios aos artistas Eduardo Viana, Celestino Alves e J. Martins Correia, cujas obras expostas se reproduzem.

POUSADA DE S. LOURENÇO
NA SERRA DA ESTRELA

DESDE que a palavra turismo deixou de ser, no nosso País, vazia de sentido; desde que principiou a objectivar-se, num crescendo animador de realizações palpáveis, passou a impor-se, como necessária e totalmente merecida, «a valorização turística da Serra da Estrela».

No ponto de vista paisagístico, pode dizer-se que essa região previlegiadíssima não carecia de propaganda. Tal como desde sempre existiram, todos os seus múltiplos atributos plásticos se evidenciam e conquistam a nossa enlevada admiração, logo ao primeiro contacto. A Serra é um deslumbramento e um encanto, tão inesgotável de imagens lindas e imprevistas como um caleidos-

cópio. O problema, ali, não era portanto o da remodelação urbanística, exigida por outras regiões igualmente predestinadas para o turismo. O que urgia dar à Serra da Estrela, era estradas praticáveis, hotéis civilizados, estalagens acolhedoras. Atrás disso, por conveniente acréscimo, e quase espontâneamente, o resto viria, de certeza certa.

Ora, quem diz estalagens, diz pousadas. Quem não pensou logo que a Serra da Estrela era uma das regiões ideais para a edificação de uma pousada, e quem não teria estranhado — sobretudo sendo beirão e, especialmente, «dos quatro costados» — que o S. N. I. tivesse começado por outras? Já existiam seis, em diversas províncias, e já havia suspeitas de que...

Bem, mas isso pertence à história, onde a última palavra é sempre a do facto ou sucesso documentado. Ora, o documento já lá se encontra, visível e habitável, desde Março deste ano. E chama-se «Pousada de S. Lourenço». E tem tanto conforto e carácter como as outras pousadas que já tinham sido construídas pelo Ministério das Obras Públicas, e «arranjadas» e dirigidas pelo S. N. I., no cumprimento sistemático de uma promessa que o Governo fizera ao País, quando das Comemorações Centenárias.

O local, depois de longas e naturais hesitações, não podia ter sido escolhido com mais felicidade: — a 14 quilómetros de Manteigas, a 26 de Gouveia e a 3 de Penhas Douradas, num ponto que abrange um panorama circular de extraordinária amplitude e deslumbrante beleza.

O acesso faz-se por uma estrada magnífica, numa ascensão largamente serpenteada que permite desfrutar, em todo o trajecto, os mais variegados e pitorescos trechos paisagísticos da Serra e, para além dela, a vastidão imensa das fertilíssimas terras beiroas.

A sóbria arquitectura do edifício, de equilibrado gosto regional, deve-se a Rogério de Azevedo. Foi decoradora dos confortáveis e alegres interiores a talentosa artista Maria Keil. Manuel Gonçalves Durão é o seu actual e probo concessionário — e as fotografias que ilustram estas linhas dizem o resto.

ABEL MARTINS

UM QUARTO ACOLHEDOR, SÓBRIO E ALEGRE

NA POUSADA DA SERRA DA ESTRELA, COMO EM TODAS AS OUTRAS QUE O S. N. I. TEM FEITO EDIFICAR, OBSERVA-SE O APROVEITAMENTO DOS NOSSOS VALORES PLASTICOS TIPICAMENTE REGIONAIS.

AS MADEIRAS, OS METAIS, A CERAMICA E OS TECIDOS CONJUGAM-SE HARMONICAMENTE, EM AGRADAVEIS EFEITOS FORMAIS E CRÓMICOS.

DOIS PROJECTOS DE FIM DE SEMANA UTILIZANDO A POUSADA DE S. LOURENÇO

Para automobilistas do Norte — Sábado à noite: Chegada. Jantar ou cear. Dormir. Domingo: Penhas Douradas. Seguir pelo caminho da Guarda. À Guarda. Pinhel. Figueira de Castelo Rodrigo. (No inverno, muito digna de ver, por seus montes cheios de amendoeiras em flor). Almoçar, e dali regressar aos pontos de partida.

Para automobilistas do Sul — Sábado: Jantar na Covilhã. Chegada à Pousada, para dormir. Domingo: Penhas Douradas. O mesmo caminho, pela Guarda a Pinhel, para Figueira de Castelo Rodrigo, indicado para os automobilistas do Norte. Almoçar, e deixar a vila, por Vouzela e Vale do Vouga, buscar a estrada Porto-Coimbra-Lisboa. Jantar e dormir, se for possível, na Pousada de Santo António. Segunda-feira de manhã: Regressar aos pontos de partida.

FESTAS E FEIRAS VIZINHAS

Apenas se devem apontar: as Romarias e Festas do Senhor do Calvário e da Senhora da Graça, na 2.ª semana de Agosto, que são consideradas como das melhores da Beira; a Festa da Senhora da Saúde, no último domingo de Setembro, e as Feiras quinzenais, de queijo, às quintas-feiras — todas na vila de Gouveia.

PRODUTOS REGIONAIS

Dois levam a palma e desbancam todos os restantes, se outros quaisquer também merecessem menção: os queijos e os requeijões serranos.

A POUSADA DE SÃO LOURENÇO CONSTITUI OUTRA LIÇÃO DE «PORTUGUESISMO», ENSINANDO A TIRAR O MELHOR PARTIDO DO RÚSTICO E DO PITORESCO NA ARQUITECTURA E NAS DECORAÇÕES.

NOVO VALOR TURÍSTICO EM SINTRA

ESTALAGEM DE PENAFERRIM

BEM perto da Estefânia, a breve distância da vila de Sintra, fica a freguesia de S. Pedro de Penaferrim, ou simplesmente S. Pedro. Domina ali a densa arborização de quintas famosas, como a do Marquês de Valada. No século passado e na primeira década do nosso, ia-se para lá de carruagem ou de tipóia, por caminhos ásperos, acidentados e poeirentos. Era o tempo ditoso das longas e calmas vilegiaturas. O silêncio imperava. A pressa era considerada um feio vício. Grande viagem, aquela! De Lisboa a Sintra, se não seria como daqui a Roma, nos nossos dias, era, no entanto, um itinerário mais aventuroso, mais romanesco, talvez mais inquietante. De noite, então, nem falar nisso! Quem se arriscaria?!...
Ali se encontra, ainda, alguma coisa do que foi a célebre Quinta de S. Pedro, que pertenceu ao Marquês de Viana, evocando essa época de vida elegante e risonha, no seio de uma paisagem frondosa e melancólica. Sabe-se, por exemplo, que o nobre proprietário da vivenda lhe fizera, um dia, acrescentar um salão, para nele oferecer um baile à rainha D. Maria II.

Como o sítio, hoje, é fàcilmente acessível! Demasiado fácil, até. Em qualquer carro de marca medíocre se faz o trajecto em menos de meia hora, partindo da capital sem muita pressa, sem guarda-pó nem farnel.
A estrada é lisa, larga e quase rectilínea; a poeira não chega sequer a acinzentar as abas de um chapéu preto. Chega-se lá fresco como uma alface.
S. Pedro... Quinta de Penaferrim... Muitas árvores que aí se vêem, podiam ser nossas trisavós. — E não será que algumas adquiriram expressões humanas? Há um portão simpático, acolhedoramente entreaberto. — Entramos?
Bonita e alegre casa, ao fundo da alameda marginada de ensombreante arvoredo! A todo o comprimento da fachada, harmónica com as justas proporções do edifício, destaca-se a simétrica ondulação de uma arcaria caiada de branco. Em frente, um vasto jardim de caprichoso recorte nos seus floridos canteiros. Em volta, arborização de espécies variadas acarinha de sombras a construção, mais rústica *na aparência do que na realidade. Um grande pinhal enquadra nobremente esta amena pintura de cavalete, em que predominam, aqui e além, animadas por uma ou outra nota de cor berrante, as mais vivas e macias tonalidades do verde. Estamos perante um desses quadros que matam a sede aos olhos e refrescam o espírito, por mais penosa*

UM ANGULO INTERIOR DA GRACIOSA ARCADA DO EDIFICIO

UMA DAS SALAS DE REFEIÇÕES E UM DOS CONFORTAVEIS QUARTOS DA ESTALAGEM DE PENAFERRIM, EM SÃO PEDRO DE SINTRA

O LUXO E O BOM-GOSTO EQUILIBRAM-SE, COMO É EVIDENTE, NESTE SALÃO DA ESTALAGEM

que haja sido a caminhada e mais abrasador o sol. — Se ali pudéssemos almoçar... Podemos. E também tomar chá ou refrescos, como jantar e, até, dormir. Aliás, lá fora, junto do portão da entrada da quinta, está uma sóbria tabuleta, onde se lê: «Estalagem de Penaferrim». O sítio, portanto, é público. Mas não foi necessário que acrescentassem aos referidos dizeres «reservado o direito de admissão», para que toda a gente perceba que nem toda a gente lá pode entrar. É que a palavra «estalagem» tomou, nos últimos anos, um sentido mais digno, mais urbano *do que aquele que lhe era exactamente atribuído nas novelas camilianas... Além disso, assim como pelo rodar da carruagem logo se vê quem vem dentro, também pela expressão gráfica de uma simples tabuleta colocada numa porta, se identifica imediatamente a qualidade do que se encontra por detrás dela.*

Pois esta simpática vivenda, de que foi arquitecto Vasco Regaleira, pertenceu ao Dr. Américo Correia da Silva, casado com uma senhora inglesa, de nome Grace, que enviuvou há poucos anos Pensou esta senhora desfazer-se da propriedade e regressar ao seu País. Mas algumas pessoas das suas relações, apreciadoras do seu

requintado gosto e cativantes qualidades de trato, aconselharam-na a transformar a vivenda numa casa de chá e estalagem de luxo. Conselhos — dizia um dos nossos clássicos — há mais quem os dê do que quem os peça. Nem sempre, todavia, são inúteis ou nefastos os conselhos que não se pedem. E aqui temos um exemplo bem flagrante e animador, no arrojado empreendimento a que esta senhora meteu ombros, e pelo qual merece que lhe fiquem gratos todos os que sabem e podem beneficiar dos mais civilizados valores turísticos.

Embora sem nenhuma experiência de exploração comercial, não quis constituir nenhuma sociedade; preferiu pôr sòzinha, pùblicamente, à prova o seu invulgar «talento de bem receber». Ora, receber bem, implica toda uma arte de servir, que ultrapassa a técnica comercial. A coragem dos belos gestos foi, mais uma vez, premiada: O êxito da «Estalagem de Penaferrim» — para o qual muito contribui o gosto irrepreensível dos arranjos decorativos, da autoria da proprietária — tem-se firmado, de mês para mês, desde a sua inauguração, que teve lugar (fique para a história do turismo sintrense...) em 14 de Junho do ano passado.

AMÉRICO NOGUEIRA

FOTOS DE MÁRIO NOVAES

UM BOM RESTAURANTE NO CAMPO GRANDE

ALVA LADE

Agora, o «Campo Grande» é novamente o «Campo Grande». Na remodelação toponímica da Capital, feita recentemente pelo Município, a designação de «28 de Maio» foi dada a outra praça lisboeta. Tudo se transforma e, assim, não seria natural nem justo que um dos mais vastos e saudáveis locais de recreio público da cidade se limitasse a reaver o seu primitivo nome, ficando o resto na mesma... Não. Urbanìsticamente, foi também remodelado. São notórias as melhorias que este belo parque-jardim recebeu, tanto nos arruamentos transversais, como nas alamedas interiores; nas árvores e plantas, como nos bancos, no lago, nos candeeiros. Foi limpo, varrido, escovado e penteado. Agora, já dá gosto passear no «Campo Grande», tanto à luz do sol, que o arvoredo amàvelmente encobre, como de noite, e até sem luar.

Mas existia nele — recordam-se? — um velho restaurante. Mesmo muito velho. E também muito feio, valha a verdade. E até sujo... Aos domingos, então, era já repulsivo, com uma tropa fandanga que invadia o recinto e se espraiava pelo relvado, a merendar, como nas «hortas». Por isso a Câmara Municipal de Lisboa se resolveu a deitar a baixo o vetusto barracão, encomendando a um bom arquitecto o projecto de construção de um restaurante decente, bonito e agradável. Foi encarregado desse trabalho Francisco Keil do Amaral, que se desembrulhou da missão com a perícia, o talento e o sentido do «lugar-onde» que lhe são peculiares. Depois, foi à praça a adjudicação, e aprovada a mais conveniente proposta, ficando concessionário o sr. Francisco Silvano, antigo proprietário do Hotel de Itália do Monte Estoril.

Consciente da função turística que a empresa também poderia — e deveria — desempenhar, não se poupou a sacrifícios para acrescentar, por sua conta e risco, valiosos melhoramentos na obra camarária, principalmente no que diz respeito às decorações, a cargo da excelente artista Maria Keil. Assim nasceu e vai crescendo no bom conceito do público elegante o «Restaurante Alvalade», na gerência do qual colabora o sr. Giulio Alfieri.

O RESTAURANTE «ALVALADE» DO CAMPO GRANDE — CUJOS INTERIORES FORAM DECORADOS POR MARIA KEIL — É UM DOS MAIS APRECIÁVEIS MELHORAMENTOS RECENTEMENTE REALIZADOS PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

CERCA de 500 mil pessoas visitaram, no breve espaço de tempo de três meses, a *Exposição de Obras Públicas,* admiràvelmente instalada no grandioso recinto do Instituto Superior Técnico. Eis um acontecimento merecedor de particular relevo no PANORAMA, que desde o seu primeiro número tem procurado focar os empreendimentos levados a bom termo pelos poderes públicos, no sentido de elevar o nível industrial e técnico do País ao das mais progressivas nações europeias.

A Exposição falou por si, em voz alta e clara. Exprimiu-se concisamente, numa linguagem plástica e verbal acessível à compreensão de todos. Quem a percorreu, ficou vendo, antes de mais, com a nitidez de quem passa os olhos por um gráfico inteligentemente elaborado, que foi imensa e altamente profícua a soma de trabalho despendido pelo Ministério das Obras Públicas, no período que medeia entre 1932 e 1948.

O que ali tem estado patente aos olhos e ao espírito de todos os portugueses — de boa ou de má vontade — é esta realidade notável e fundamente significativa:

Os que têm regido, nesse importante sector da actividade governamental, os destinos da nação portuguesa, não deixaram nunca de se esforçar por cumprir um programa de realizações que, pela sua monumental grandeza e amplitude de vistas, dir-se-ia transcender as possibilidades financeiras e económicas de um Estado não-totalitário, isto é: que não coíbe nem abafa (e antes estimula) a acção produtiva e concorrente das grandes empresas particulares.

Importa salientar, ainda, o facto de não ter figurado nesta Exposição tudo quanto se fez, visto ficarem de fora, por receio de fatigar a atenção dos visitantes, modelos de meia centena de edifícios de correios, de muitas dezenas de edifícios de liceus e prisões, de centenas de escolas primárias e de variadíssimos melhoramentos rurais e urbanos — como tipos de casas económicas e de casas dos bairros para pescadores e para pobres — e também a simultânea efectivação de dois *Congressos Nacionais:* um de *Engenharia* e outro de *Arquitectura,* destinados a discutir os problemas de carácter técnico-económico de interesse mais premente, evidenciando ao mesmo tempo o grau de cultura e vitalidade que as duas profissões têm, entre nós, atingido, e de que a *Exposição de Obras Públicas* foi o mais vivo e expressivo testemunho.

OS PREÇOS ACTUAIS DAS POUSADAS DO S. N. I.

Quartos sem casa de banho

1 pessoa	80$00
Casal	140$00

Quartos com casa de banho

1 pessoa	100$00
Casal	170$00

AVULSO

Pequeno almoço completo (com compota e biscoitos)	10$00
Chá com torradas	6$00
Almoço	30$00
Jantar	30$00
Banho de chuveiro	3$50
Banho de imersão	7$00

DORMIDA

Em quarto sem casa de banho

1 pessoa (incluindo pequeno almoço)	40$00
Casal (incluindo pequeno almoço)	70$00

Em quarto com casa de banho

1 pessoa (incluindo pequeno almoço)	50$00
Casal (incluindo pequeno almoço)	80$00

POUSADA DE S. LOURENÇO

Quarto com casa de banho

1 pessoa	115$00
2 pessoas	195$00

Quarto sem casa de banho

1 pessoa (incluindo banho)	92$00
2 pessoas (incluindo banho)	161$00

ALOJAMENTOS

Em quarto com casa de banho

1 pessoa	57$50
2 pessoas	92$00

Em quarto sem casa de banho

1 pessoa	46$00
2 pessoas	80$50
Almoço	34$50
Jantar	34$50
Pequeno almoço	8$50

[illegible]

Jantar	43$00
Almoço	43$00
Pequeno almoço	8$50
Banho de chuveiro	3$50
Banho de imersão	7$00

Almoço, constando de sopa ou acepipes, dois pratos e sobremesa. ★ Jantar, sopa, dois pratos e sobremesa. ★ No preço das refeições está incluída meia garrafa de vinho da região; sendo servidas nos quartos, acresce mais 5$00. ★ Vinhos ou outras bebidas, não fornecidas pelos estabelecimentos, pagam de «rolha» 7$00. *N. B.* — Aos preços em vigor acrescem: o Imposto de Turismo de 3 %; e a «Taxa de Serviço» de 10 %. ★ Permanência máxima, 5 dias.

GRADES DE LISBOA

PREFÁCIO DA PUBLICAÇÃO DA C. M. L.
COMEMORATIVA DO 8.º CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA

pelo DR. JAIME LOPES DIAS

ANDA a Câmara Municipal de Lisboa empenhada em orientar a construção urbana no sentido de uma solução económica sem prejuízo do embelezamento e valorização desta tão formosa e linda varanda natural do Tejo e rainha de uma das mais vastas enseadas do Mundo, ao mesmo tempo que procura organizar o inventário do património artístico, histórico e cultural da cidade, com o superior propósito de o acautelar e defender.

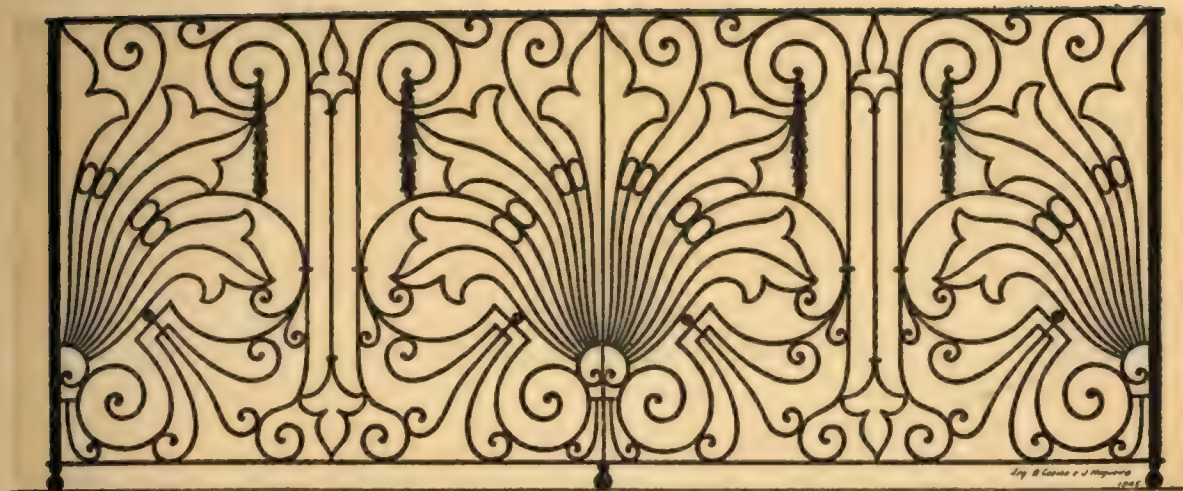
A par destas preocupações de ordem social e espiritual, julgou ainda muito útil, aproveitando este ano em que se comemora o grande feito da sua libertação do domínio muçulmano, oferecer aos arquitectos, aos construtores e às pessoas de bom-gosto, elementos com que possam valorizar os prédios e, consequentemente, beneficiar ou melhorar a estética citadina.

E como o ferro constitui, desde tempos remotos, elemento valioso nas edificações, pela segurança, graça, frescura e beleza que lhes dá, a Câmara, na sequência da propaganda que, neste capítulo iniciou há anos, na *Revista Municipal* (1), incumbiu à competência de dois artistas, os senhores arquitecto Bernardino Coelho e desenhador José Jorge Afonso Nogueira, desenhos de grades e portões dentre os considerados de melhor traço e beleza.

Pensou que assim, a par da substituição das inestéticas sacadas de cimento armado e das, tantas vezes sujas, portas de madeira repintada, auxiliaria o renascimento da arte de ferro forjado,

---

(1) «As grades de ferro ocupam na construção, e de um modo geral na fisionomia das nossas povoações uma importância notável»... «a sua larga aplicação e os lugares em que de preferência as colocámos, definem o nosso gosto, caracterizam a nossa sensibilidade e dão a medida do progresso da arte ao serviço da indústria». (*Revista Municipal* n.º 7, pág. 21).

AO ALTO: UM TRECHO DA GRADE DA SÉ

RUA DE SÃO PEDRO DE ALCANTARA, N.º 79

de que Portugal possui algumas belas tradições, e evitaria a perda de muita obra já arruinada ou em vias de inutilização.
Lisboa, consequência dos terramotos que lhe desmoronaram arruamentos completos, e da destruição resultante da falta de respeito pelas obras de arte, não possui muitas grades antigas, mas tem, não obstante, obra bonita, francamente digna de ser conservada e copiada.
Em todo o país ufana-se o Alto Alentejo de possuir o conjunto mais profuso e impressionante de ferrarias. Diz, com toda a exactidão, o *Inventário do Distrito de Portalegre:* «em cidade ou vila grande e abastada, em humilde aldeia ou pequeno lugar encontramos o ferro trabalhado, quer em sumptuosos balcões quer em simples grades torcidas» (1). É assim, embora com menos variedade e riqueza, nas nossas demais províncias. Mas, muito acima desta obra corrente, utilitária, outras grandes obras, tais como as grades: da Sé de Lisboa, de que adiante falaremos com maior desenvolvimento, do baptistério da Sé de Évora (Séc. XV), da galilé ou alpendre

(1) *Inventário do Distrito de Portalegre*, pág. 53.

GRADE EXISTENTE NA CALÇADA DE SANT'ANA, N.º 198

PORTÃO. — AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 84-A

da Sé de Braga (Séc. XVI), da Sé de Lamego e da Colegiada de Guimarães, todas consideradas jóias de fino quilate e filhas da ingenuidade dos artistas que as forjaram, torceram e recortaram malhando e trabalhando, sobre a bigorna, o ferro rubro ao brasido da forja, estimulam-nos, quase nos impõem a obrigação de não deixarmos perder a tradição do ferro trabalhado. Se pois, com disse, nos não falta obra de valor, se na memória dos que nos lêem estão bem presentes as tentativas de ressurreição que ùltimamente se tem operado, especialmente em Coimbra, e a que andam ligados nomes consagrados ao progresso da arte e da cultura, se são bem

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, N.º 5

conhecidas as dezenas de peças formosas, de construção recente, provenientes de várias oficinas de diversos pontos do país, que fazem o encanto dos mais exigentes, e dentre todas se destaca o lampadário do mestre Lourenço Chaves de Almeida que, em Santa Maria da Vitória, alumia a campa do soldado desconhecido, não se poderá dizer que não seja oportuna e útil a publicação do presente volume (1).

Oxalá que ele possa ser seguido de outros para divulgar gradeamentos interiores, escadas e bandeiras de portas, cataventos, roldanas de poços, relógios de sol, bissagras, abraçadeiras, escudetes, aldrabas, ferrolhos, trincos, espelhos de fechaduras e demais elementos arquitectónicos e ornamentais dignos de serem aproveitados pela construção sem prejuízo dos requintes de comodidade exigidos nas habitações modernas.

Consta a nossa obra de hoje de cento e oito desenhos, e figura em primeiro lugar, no lugar de honra, no seu lugar incontestado, a grade da Sé, no conceito de artistas e escritores, a mais linda e simbólica peça forjada de Portugal!

Segundo uns, do século XII ou XIII (2), segundo outros, do século XV (3), ela é, como se pode ver, uma linda rede de ferro de curvas graciosas e ornatos curiosos em que a simbologia ocupa lugar preponderante, reproduzindo, entre outros motivos: águias, pelicanos, pavões, pombas, serpentes, cães, lebres, etc. que representam, respectivamente, a ressurreição, o amor maternal, a imortalidade, a ternura, a vigilância, a prudência e a fidelidade, a par da lança que lembra o martírio de Cristo, e o crescente que é o símbolo da noite. Vêem-se também flores de lis, folhas de figueira, de trevo e de era, a viola e a cabaça do vinho (a alegria do povo), os próprios ferreiros, (porque também há figuras humanas na grade, e pode admitir-se que a si próprios os artistas se quiseram representar) e, a par deles, a bigorna, o machado e outros instrumentos de trabalho.

(Continua nas páginas seguintes)

---

(1) É digna de registo a recente (1945) tentativa da Junta de Província da Estremadura no sentido de organizar uma grande exposição de ferrarias «para revelar uma curiosa e útil actividade da Província: o trabalho forjado e a técnica rude, arcaica e popular dos ferreiros, e reunir as mais artísticas peças metalúrgicas regionais dispersas».

(2) Emanuel Ribeiro — *Portucale* — vol. IV, pág. 80 e seguintes.

(3) D. José Pessanha — *O Arqueólogo Português* — vol. VI, pág. 63.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Publicações turísticas do S. N. I.

O Secretariado Nacional da Informação, no incessante prosseguimento do seu programa de acção turística, editou, nos últimos meses, novos folhetos e monografias destinados a propagar, tanto no País como além-fronteiras, os valores artísticos, etnográficos e paisagísticos de diversas regiões e aglomerados populacionais, tais como:

«MONSANTO». Um belo volume, de magnífica apresentação, impresso a cores, que trata dos seguintes assuntos: 1 — *Evocação de Monsanto*, por Cardoso Marta e Adolfo Simões Müller, notável trabalho dividido nos capítulos: I) A paisagem; II) A aldeia; III) O homem e a casa; IV) O comércio, indústria e transportes; V) Crenças, lendas e tradições; VI) Usos e costumes; VII) O Castelo. 2 — *Cancioneiro monsantino*, por Eurico Sales Viana. 3—*Fotografias de Monsanto*, por Tomás de Mello (Tom) e Carlos Botelho. 4—*Mapa de Monsanto*, por Carlos Botelho. 5—*Dez desenhos de Monsanto*, pelo mesmo artista.

«LISBON» — *(The Charm of Lisbon)*. Texto em inglês, com descritivos breves dos locais mais pitorescos, bairros populares, museus, monumentos, etc., tanto da cidade como dos arredores. A monografia é ilustrada com belas fotografias e vinhetas de José Espinho.

«ALGARVE». Por A. H. Stuart, com desenhos de Maria Keil do Amaral. É também um excelente volume, impresso a cores, com o texto em língua inglesa e fotografias de aspectos urbanísticos, paisagens, trajos, costumes e usos da província algarvia.

«ARRÁBIDA — PALMELA — SESIMBRA» — É outro folheto do S. N. I., também em língua inglesa, com um roteiro da região e elucidativos documentos fotográficos.

Além destes volumes, o mesmo Organismo publicou, com os textos em português, francês e inglês, pequenos folhetos de propaganda dos principais atractivos e produtos regionais das seguintes povoações: Elvas, Tomar, Nazaré - Aljubarrota - Batalha, Santarém, Vila Viçosa, Caldas - Óbidos - Alcobaça, Leiria, Beja, Portalegre - Castelo de Vide - Marvão, Estremoz, Évora e Coimbra. Estes impressos desdobráveis inserem fotografias de: Horácio Novaes, Alvão, J. Benoliel, Ferrugento Gonçalves, Marques da Costa, E. Portugal, Beleza, João Martins, Carvalho Henriques, Mariano Lapa, Armando de Aguiar, Artur Pastor e Rasteiro, e curiosos desenhos de Manuela e Inês Guerreiro.

O II Congresso do Distrito de Leiria

Dentre as numerosas teses apresentadas a este Congresso, efectuado em Setembro, merecem especial relevo as que se ocuparam de problemas relacionados com o incremento turístico da região, tais como, entre outras, as dos srs. José Maria Pereira Gomes — que dizia respeito a um plano de urbanização da vila da Batalha, no sentido de proteger e valorizar o mosteiro — e do dr. Júlio Pereira de Matos — acerca de «Turismo e Cultura», propondo a criação de pequenos museus privativos anexos a cada um dos nossos monumentos, a fim de elucidar o público sobre a sua história e valor artístico. O dr. Elídio da Silva Lopes apresentou um trabalho intitulado «Em prol do desenvolvimento turístico no distrito de Leiria», salientando que a referida região, «de turismo por excelência», com as suas quinze famosas praias, tem hoje 20 % das comissões municipais de turismo e 25 % das pousadas; apenas lhe falta a verdadeira consciência turística: seria necessário oferecer aos visitantes melhores meios de transporte e condições de vida acessíveis. Afirmou ainda que as diárias dos hotéis e pensões deveriam descer até ao limite do razoável. Além disso, impõe-se o desenvolvimento de uma propaganda turística bem organizada, assim como o saneamento das praias. Pronunciou-se sobre o assunto o presidente do Congresso, que aludiu ao velho problema do desassoreamento da praia de S. Martinho do Porto.

Outro interessante trabalho sobre turismo, com conclusões da mesma ordem, foi o da escritora sr.ª D. Amália de Proença Norte.

A próxima urbanização de Santarém

Foi recentemente aprovado pelo sr. Ministro das Obras Públicas o anteplano geral da urbanização de Santarém, conforme o elaborou o arquitecto João António de Aguiar. A notícia, como é natural, causou o mais vivo regozijo em toda a população, porquanto dependia desta iniciativa, desde que oficialmente aprovada, a esperança no necessário e tão desejado progresso da cidade. Logo que se execute esta grandiosa obra de urbanismo — que resolve os fundamentais problemas da habitação, higiene e salubridade pública, bem como os de estética — Santarém ficará a ser uma das melhores cidades do País, tornada zona de turismo de 1.ª classe.

O plano prevê a expansão do burgo para os lados do sul e do poente, onde será construída uma nova cidade com capacidade igual ou superior à existente no actual perímetro.

«Conheça a sua terra» Uma feliz iniciativa da C. P.

Verdadeiramente louvável, este melhoramento que o público das classes menos abastadas fica devendo à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, por intermédio do respectivo Serviço de Turismo e Publicidade, proficientemente chefiado pelo Sr. António Montês.

«Conheça a sua terra» (adopção naturalíssima da rubrica dos conhecidos diálogos de propaganda turística que desde 1940 a Emissora Nacional transmite) diz tudo: — dar a conhecer a nossa terra aos portugueses, em viagens para todos os gostos e para todas as bolsas. Grupos pequenos, em digressões agradáveis, utilizando hotéis e pousadas espalhados pelos mais aprazíveis lugares de vilegiatura, poderão, desde agora, apreciar os panoramas, castelos, monumentos, romarias, trajos e costumes das típicas regiões provinciais, e também as realizações mais significantes dos últimos anos, como barragens, portos de mar, estações agrícolas — tudo, em suma, que se tem feito por esse país fora, e que continua ignorado de grande parte, senão da maioria dos portugueses.

É este o resumo do admirável programa dos circuitos turísticos que a C. P. resolveu levar a efeito, com o patrocínio e a colaboração dos Serviços de Turismo do S. N. I. O primeiro foi a Braga e Viana do Castelo, por ocasião da Semana Santa, e incluía a visita às excelentes praias de Ofir, Vila do Conde e Póvoa de Varzim. O êxito alcançado foi uma boa promessa e, assim, nos primeiros dias de Maio, a C. P. lançou a segunda digressão—depois de uma viagem experimental dedicada aos jornalistas, para a qual foi amàvelmente convidado o director literário do PANO-

RAMA — à Guarda e Serra da Estrela, incluindo a visita a Manteigas, ao Poço do Inferno, aos Cântaros, às Penhas Douradas, às vilas de Gouveia e Celorico, e à cidade da Guarda, em cujo Hotel de Turismo (hoje, sem dúvida, um dos melhores do País) se instalaram os excursionistas. Em brevíssimos dias após o anúncio deste circuito, estava completamente esgotada a lotação, pelo que a C. P. se viu forçada a repeti-lo, poucas semanas depois.

Seguiu-se o circuito do Alto Minho, com um programa sugestivo, que abrangia todo o distrito de Viana do Castelo: — Caminha, Valença, Monção, Arcos, Ponte da Barca e Ponte do Lima passaram, como um filme colorido e maravilhoso, diante dos olhos deslumbrados dos viajantes.

No dia 1 de Maio efectuou-se uma visita de estudo a Elvas, com o fim de proporcionar — em condições vantajosas e em convívio benéfico — aos técnicos da especialidade, o conhecimento da Estação de Melhoramentos de Plantas, estabelecimento oficial que já hoje presta assinalados serviços à lavoura nacional.

Os circuitos que constam do programa «Conheça a sua terra», já estudados até ao fim do ano, incluem a visita às barragens de Niza e Idanha, à estância termal de Monfortinho, às fábricas de vidro da Marinha Grande, à indústria fabril de S. João da Madeira, às Adegas do Vinho do Porto, às Caves da Bairrada, ao Castelo de Almourol, à histórica Vila Viçosa, à Serra da Boa Viagem, às fábricas de lanifícios da Covilhã, à cidade universitária de Coimbra, a Monsanto — e outros lugares e coisas belas que existem espalhados pelo nosso privilegiado território continental.

8.º Concurso das Estações Floridas

O concurso das estações floridas, iniciativa da Repartição de Turismo do Secretariado Nacional da Informação, tem sido acolhido pelos chefes das estações de uma maneira entusiástica desde 1941, ano em que o certame foi levado a efeito pela primeira vez. A fim de galardoar os esforços feitos pelos que, embora tendo as suas estações engalanadas com esmero, sob o aspecto floral, não puderam ser contemplados com os três prémios estabelecidos, resolveu o S. N. I. atribuir às estações que tivessem merecido, três ou duas vezes, diplomas de menção honrosa ou de menção honrosa especial, «prémios de persistência», respectivamente, de quinhentos escudos.

As estações seguintes estão nestas condições: Costeira — teve menção honrosa especial em 1946 e 1947; Gouveia — menção honrosa em 1945, 1946 e 1947; Leça do Balio — menção honrosa em 1944 e menção honrosa especial em 1946 e 1947; e Rio Tinto — menção honrosa em 1945 e menção honrosa especial em 1946 e 1947.

O 1.º Centenário da cidade de Viana do Castelo

No passado mês de Agosto tiveram lugar em Viana do Castelo as tradicionais Festas da Nossa S.ª da Agonia, que este ano se integraram no plano geral das comemorações do 1.º Centenário da Elevação de Viana à Categoria de Cidade. Para que os festejos se revestisssem — como de facto se revestiram — de interesse e esplendor excepcionais, foram prèviamente constituídas, além da Comissão de Honra, presidida pelo Chefe do Estado, e da Comissão Central, de que foi presidente o Governador Civil do Distrito: uma Comissão Executiva das Festas do Centenário, uma Comissão das Festas da Agonia, e uma Comissão Etnográfica e Folclórica.

Dos principais números do programa destacaram-se: o grandioso *Cortejo Etnográfico e Folclórico*, em que tomaram parte cerca de 60 carros pitorescamente ornamentados e mais de 800 lavradeiras trajadas a rigor, formando o conjunto um espectáculo inesquecível; o *Cortejo de Viana do Mar*, em que estiveram representadas todas as actividades ligadas à vida marítima nos rios e no litoral do Minho; o animado *Arraial Minhoto*, no Campo da Agonia; a brilhante *Festa do Trajo*, e as deslumbrantes sessões de *Fogos do ar e presos*, apresentados pelos mais famosos pirotécnicos do distrito.

«Danças Regionais»

A Mocidade Portuguesa Feminina, de colaboração com o S. N. I., fez editar, há pouco, um interessante, bonito e utilíssimo livrinho, intitulado «Danças Regionais». De primorosa realização gráfica, ilustrada com desenhos e vinhetas de Guida Ottolini, esta obra, criteriosamente organizada, contém as variantes mais singelas de músicas e letras de canções regionais destinadas à dança, tais como: «Bailarico», «Ciranda», «Chula», «Corridinho algarvio», «Farrafeira», «Indo eu...», «Malhão», «Regadinho», «Ti Anica de Loulé», «Tirana», «Verde-Gaio» e «Vira».

A finalidade que se procura atingir com esta brochura é explicada, numa «nota prévia», nos termos seguintes: — «Ao editar «Danças Regionais» propõe-se o Comissariado Nacional da M. P. F. dois objectivos: um de ordem cultural geral — facultando aos curiosos e interessados por assuntos folclóricos algumas das nossas danças e música de que se acompanham; outro de interesse interno — proporcionando às Filiadas um meio de enriquecerem a sua cultura, e ao mesmo tempo elementos com que animem os seus recreios e festas. Num e noutro caso, o intuito é intensificar o conhecimento e amor de tudo o que é nacional e bem português.»

A citada publicação — que deveria ser adquirida e divulgada por todos os estabelecimentos de educação feminina, tanto do Continente como das Províncias Ultramarinas e Ilhas Adjacentes — faz parte de uma série de edições, com idêntica finalidade, que o Comissariado Nacional da M. P. F. se propõe levar a cabo.

«Panorama» regista

★ A inauguração oficial, em 16 de Outubro, sob a presidência do Chefe do Estado e com a assistência do Ministro das Obras Públicas, da grandiosa barragem de Idanha-a-Nova, à qual foi dado o nome de «Marechal Carmona».

★ A recente adjudicação de empreitadas de trabalhos de construção de estradas nacionais em todo o País, especialmente nos distritos do Porto, Guarda e Viana do Castelo — orçados, estes, em 9.620 contos.

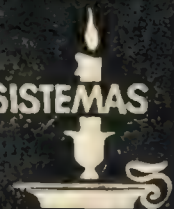
★ Os notáveis melhoramentos arquitectónicos e ornamentais feitos no edifício da Estação Central do Rossio pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, bem como a remodelação do Serviço de Turismo e Publicidade da mesma Companhia.

★ Dentre as várias e acertadas inovações que se ficam devendo ao referido Serviço, destaca-se o aproveitamento dos bilhetes de caminhos de ferro para a propaganda das nossas terras, em graciosos desenhos legendados, impressos a cor no verso dos cartões.

★ A inauguração dos magníficos hotéis das Termas de Monfortinho e da praia de Ofir — a que faremos, em próximos números, desenvolvida referência.

★ O 11.º Salão Internacional de Arte Fotográfica, efectuado na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, e no Clube dos Fenianos Portuenses, na capital do Norte.

★ O 5.º Salão de Fotografia e 2.º Salão de Arte organizados pela direcção da revista «Agros», do Instituto Superior de Agronomia, que tiveram lugar no antigo estúdio de exposições do S. N. I., em S. Pedro de Alcântara.

A LAMPADA ELECTRICA VEIO SUBSTITUIR VELHOS SISTEMAS

Duradouro e económico

sem compromisso

Peça uma demonstração

ao

CONCESSIONÁRIO FORD

mais próximo

POUSADA DE SANTIAGO

SITUAÇÃO — Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém, a cem metros antes da entrada da vila. DISTÂNCIAS — A 18 quilómetros de Sines e a 140 de Lisboa. ALOJAMENTOS — 3 quartos com 2 camas e 1 quarto com cama de casal e casa de banho privativa. ARQUITECTO — Miguel Jacobety Rosa. DECORADORAS — Vera Leroi e Ana-Marie Jauss. INAUGURADA em 10 de Fevereiro de 1945. CONCESSIONÁRIO — Paulo dos Santos Bensliman. TELEFONE — Santiago do Cacém 59. ENDEREÇO TELEGRÁFICO — Pousada, Santiago do Cacém. TRANSPORTES — Caminho de Ferro: Linha do Sul e Sueste, Ramal de Sines. Estação do Terreiro do Paço, em Lisboa, até à de Santiago do Cacém (com transbordo em Ermidas). Camionagem: Carreiras da Empresa Palmelense, Telefone 22392, Lisboa, ou 19, Palmela. A partida das carreiras é de Cacilhas.

BALADA DO JARDIM DIFERENTE

(Continuação)

O jardim, de manhã e à tarde, nos intervalos das aulas, movimentava-se de professores e camaradas. Rostos frescos de meninas, como serão agora? Outros caminhos, que não o do jardim, começaram por certo a vincar-lhes rugas, mais fundas por enquanto na alma do que no rosto.
Fernanda, Virgínia, Laura — a melhor de todas, a de expressão de anjo, a que, por amor de Deus, estudou para freira obscura em qualquer convento, aquela cuja bondade transfigurava «Patinho Feio». «Patinho Feio» — Margarida das «Pupilas»: Morena, morena, dos olhos rasgados...
Ingénuas conversas e ingénuo pressentir.
Meu severo professor de latim, porque o recordo, em ternura, mais do que a qualquer outro?
Para quê, para que modificaram o meu *jardim? O Passado é sagrado, não se deve destruir. Quero encontrar-me, ser a outra de então, e não consigo.*
Génio, não corras mais cenas desse filme; tempo, pára neste momento, deixa-me ser menina, perscrutar silêncios, acreditar que vou coalhar de estrelas o meu regaço, ir outra vez para a vida... e para o sofrimento!
As veredas por onde eu passava não existem, nem a que eu fui existe. Ah, tudo mudado, tudo!
De verdadeiro, de real, uma mulher que segue devagar, um pouco curvada ao longo de uma rua que rodeia a grande massa rumorejante de árvores de um jardim.
E, a espaços, os gritos dos pavões, roncos, apavorantes, na noite.

MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA

POUSADA DE SANTA LUZIA

SITUAÇÃO – Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da Cidade, junto à Estrada Nacional que vem de Borba e segue para Badajoz. DISTÂNCIAS – A 11 quilómetros do Caia (fronteira Espanhola) e a 219 quilómetros de Lisboa. ALOJAMENTOS – 3 quartos com 2 camas cada. 1 quarto com cama de casal e casa de banho privativa. 2 quartos de 1 cama de 1 pessoa. ARQUITECTO – Miguel Jacobety Rosa. DECORADORAS – Vera Leroi e Ana-Marie Jauss. INAUGURADA em 19 de Abril de 1942. CONCESSIONÁRIO – Azinhal Abelho. TELEFONE – Elvas 194. ENDEREÇO TELEGRÁFICO – Pousada, Elvas. TRANSPORTES – Caminho de Ferro: Linha de Leste. Estação do Rossio até Elvas. Camionagem: Carreiras da Empresa Transportadora Setubalense, Telefone 2 2392 Lisboa. A partida das carreiras é de Cacilhas e têm transbordo em Montemór-o-Novo. Às 2.ª e 5.ª feiras, há carreiras da cidade de Elvas para Caia (fronteira) e vice-versa.

A EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS

(Conclusão)

No primeiro, a cargo da *Direcção Geral dos Serviços de Urbanização* e sob a directriz da *Comissão de Fiscalização dos Levantamentos Topográficos Urbanos*, vê-se, através de mapas e maquetas, o enorme desenvolvimento que tem sido dado a Mercados e Matadouros, Igrejas e Seminários, Águas e Saneamento, Desportos e outras obras de interesse público, isto ainda completado pelos trabalhos de *Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol* e da *Comissão Administrativa das Obras do Estádio Nacional*.

Em secções especiais esclarece-se tudo quanto diz respeito a *Águas de Lisboa* e aos trabalhos realizados pela *Câmara Municipal de Lisboa*, com os planos de urbanização de Monsanto, Ajuda, Sítio de Alvalade, Campo 28 de Maio, do descongestionamento da Baixa, e maquetas do Palácio da Cidade no Parque Eduardo VII, da transformação da Rua 1.º de Dezembro, da Piscina de Lisboa, etc.

Verdadeiramente encantadoras as maquetas das casas económicas dos vários tipos, especialmente a que foi construída em tamanho natural.

No outro pavilhão destinado, como já foi dito, a Edifícios e Monumentos, encontra-se o respeitante a novas instalações para o Exército, edifícios prisionais, universitários, hospitalares, construções para ensino técnico e secundário.

É fácil deduzir, pelo que fica dito, a extraordinária quantidade de material exposto, o qual, por isso mesmo, se nos torna impossível referir completamente. As fotografias que ilustram este artigo ajudarão, porém, os leitores do PANORAMA que não puderam visitar a Exposição, a fazer uma ideia da grandiosidade, do inesgotável interesse e da alta significação do que nela se arruma e apresenta com inteligência e gosto artístico dificilmente excedíveis.

É, portanto, de elementar justiça mencionar aqui os principais artistas decoradores que, sob a superior orientação da Comissão Executiva — presidida pelo Sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho — e a chefia competente do Arquitecto Jorge Segurado, tornaram possível esta Exposição, dando-lhe o duplo valor de instrutivo documentário e de aprazível espectáculo. Foram eles: Roberto de Araújo, Fred Kradolfer, Frederico George, Carlos Botelho, Santos Costa, Matos e Silva, José Espinho, e os seus numerosos ajudantes.

ANTONIETA MOURA

GRADES DE LISBOA

(Continuação)

Assim, em frente do altar dos santos, «ela apresentar-se-ia como uma página transparente onde os sinais ideográficos da simbologia mística, aos olhos dos ledores, declamavam os segredos da vida numa linguagem misteriosa» (1).

Desconhece-se a sua primitiva aplicação, mas sabe-se, com certeza, que fechava o arco da capela da charola de São Cosme e São Damião e que passou deste lugar para uma capela do topo sul do Claustro. Figurou na Exposição do Mundo Português, em 1940, no Pavilhão de Lisboa, e procurou recentemente dar-se-lhe nova aplicação.

A seguir à grade da Sé, publicam-se cento e sete desenhos de grades e portões de que baldadamente procuramos fazer a história.

Não só não foi possível saber os nomes dos arquitectos, desenhadores e forjadores do ferro, como nem sequer a data da construção da maioria dos prédios.

Ouvimos a mais de uma pessoa, que, a seguir ao terramoto de 1755, o Marquês de Pombal abriu concurso em todo o país para a execução de grades de sacadas, pela necessidade da reconstrução imediata da cidade.

De facto, a maioria dos desenhos que publicamos devem respeitar ao século XVIII, mas nem nos arquivos nem entre os mais conceituados olisipógrafos, conseguimos a confirmação daquela informação.

Dada pois a impossibilidade da identificação que projectámos, e perante a necessidade de uma ordenação, reproduzimos: primeiro os desenhos de duas grades de ferro forjado, redondo, das que predominaram, e ainda predominam, nas ruas da Baixa Pombalina, e publicamos em seguida onze grades que se destacam das demais, e que consideramos únicas entre as que constituem a colecção.

As demais, reunimo-las em quatro grupos, segundo os princípios essenciais da sua composição, convencidos de que devem corresponder a escolas ou oficinas diferentes.

Incluímos no primeiro grupo as de págs. 18 a 23, de dois eixos: vertical e horizontal, onde predominam as linhas paralelas, rectas e curvas, e no segundo as de págs. 24 a 71, com diversas formas de composição mas a abrir em palma sem centro convergente e obedecendo a um único eixo de simetria: o vertical.

No terceiro as de págs. 72 a 80, de composição simétrica obedecendo a um motivo central, circular ou oval, e no quarto os de págs. 81 a 85 pelas afinidades de composição, obedecendo a dois eixos de simetria.

Destacam-se ainda no segundo grupo os de págs. 34 a 45 pela semelhança da representação floral e os de págs. 56 a 63 pelos elos ovais de ligação entre os principais elementos.

Quanto aos portões, damos primeiro os de características mais antigas: os da Igreja do Sacramento,

(Continua)

(3) Emanuel Ribeiro — *Obra citada*, págs. 85 e 86.

dos Paços do Concelho, Museu da Cidade (Mitra), Junta do Crédito Público, Bolsa (Praça do Comércio), e também os da Igreja de Santo António da Sé e da Basílica da Estrela, e em seguida os mais ou menos fantasiados de casa e palácios, de há menos de um século.
Para melhor se avaliar da beleza das grades e dos portões e fugirmos à frieza ou aridez dos desenhos, publicamos, na parte final, oito páginas de fotografias, em que o ferro se destaca, com toda a verdade, no enquadrado das molduras formado pelas ombreiras dos portados.
E porque não nos esquecemos que estamos a escrever um prefácio onde apenas deverão figurar os esclarecimentos necessários à elucidação dos leitores, terminamos concretizando o que já dissemos: com a reprodução dos cento e oito desenhos que constituem esta obra, e onde, à vontade de quem os queira aproveitar, se encontram o entrelaçado simples, o complexo e o geométrico, os torcidos, a flora, representação de figuras e registos heráldicos, etc., pretende-se, a par da contribuição que se oferece aos historiadores e aos eruditos das artes industriais, animar o gosto, estimular a arte do ferro trabalhado, defender a conservação do que existe, e incitar os construtores à reprodução destas obras velhas, no convencimento de que assim se contribui para a valorização da estética citadina.

JAIME LOPES DIAS

POUSADA DE SÃO MARTINHO

SITUAÇÃO — Fica a 110 quilómetros de Lisboa, junto à Estrada Nacional de Lisboa para o Porto, no começo da subida dos campos de Alfeizerão. Entre Caldas da Rainha e Alcobaça. DISTÂNCIAS — a 12 quilómetros de Caldas da Rainha e a 13 de Alcobaça. S. Martinho do Porto fica à curta distância de 4 quilómetros. ALOJAMENTOS — 3 quartos com 2 camas cada. 1 quarto com 2 camas e casa de banho privativa. ARQUITECTO E DECORADOR — Veloso Reis Camelo. INAUGURADA em 25 de Agosto de 1943. CONCESSIONÁRIO — Charles Harbord. TELEFONE — Alfeizerão 4 — TRANSPORTES — Caminho de Ferro: Linha de Oeste. Estação do Rossio, em Lisboa, para São Martinho do Porto ou Caldas da Rainha. Camionagem: Carreiras da empresa Capristano & Ferreira, Lda., Rua Martim Moniz, 51, Lisboa. Telefone 2 1003.